



UNIVERSIDADE
FERNANDO
PESSOA

A PERCEÇÃO DOS PAIS SOBRE PRÁTICAS PARENTAIS E OS PROBLEMAS DE INTERNALIZAÇÃO E EXTERNALIZAÇÃO NOS ADOLESCENTES

[Parents' Perception of Parenting Practices and Internalizing and Externalizing
Problems in Adolescents]

Dissertação de Mestrado

2º Ciclo de Estudos em Psicologia Clínica e da Saúde

Inês Sousa Soares

Orientadora:

Professora Doutora Susana Marinho

JULHO 2024



UNIVERSIDADE
FERNANDO
PESSOA

A PERCEÇÃO DOS PAIS SOBRE PRÁTICAS PARENTAIS E OS PROBLEMAS DE INTERNALIZAÇÃO E EXTERNALIZAÇÃO NOS ADOLESCENTES

[Parents' Perception of Parenting Practices and Internalizing and Externalizing
Problems in Adolescents]

Dissertação de Mestrado

2º Ciclo de Estudos em Psicologia Clínica e da Saúde

Inês Sousa Soares

Orientadora:

Professora Doutora Susana Marinho

JULHO 2024

AGRADECIMENTOS

Findada uma das fases mais importantes da minha vida pessoal e profissional, considero imprescindível agradecer a todos os que fizeram parte da mesma:

Desde já, agradeço a todos aqueles que fizeram parte de todo o meu percurso académico, desde familiares, amigos, colegas e docentes.

Essencialmente, aos meus pais. Seria impossível alcançar esta etapa da minha vida sem todo o esforço e apoio incondicional que demonstraram ao longo de todos estes anos.

Aos meus amigos, pelo companheirismo, pelas palavras de apoio e por tornarem os momentos difíceis mais fáceis.

À Professora Doutora Susana Marinho, por toda a ajuda, orientação e disponibilidade que demonstrou ao longo da realização deste trabalho.

Por último, à Universidade Fernando Pessoa, por tudo aquilo que me ensinou e por todas as pessoas que me trouxe.

A todos, obrigada.

RESUMO

A literatura evidencia que existe uma associação entre as práticas parentais e a manifestação de problemas de internalização e externalização nos adolescentes. Mais especificamente, os estudos têm revelado que um elevado Suporte Emocional está associado a uma menor ocorrência de problemas emocionais e de comportamento, sendo que o mesmo acontece com baixos níveis de Rejeição e níveis moderados de Tentativa de Controlo. Grande parte destes estudos são baseados em autorrelatos de adolescentes, contudo, a perspetiva dos pais tem sido pouco analisada.

Neste sentido, o objetivo do presente estudo foi analisar a associação entre a perceção dos pais sobre as suas práticas parentais e os problemas de internalização e externalização percebidos nos seus filhos adolescentes. Este estudo integrou-se no Projeto de Investigação "Os Nós e os Laços: Risco Parental e Problemas de Internalização e Externalização em Crianças e Adolescentes", em curso na Clínica Pedagógica de Psicologia (CPP) da Universidade Fernando Pessoa, sendo os dados recolhidos na base de dados da Consulta de Crianças, Adolescentes e Famílias e nos processos clínicos de adolescentes, tendo sido cumpridos todos os pressupostos éticos e deontológicos necessários à realização da investigação.

Os resultados dos dados recolhidos para a investigação – através dos instrumentos SDQ (Versão Pais), EMBU-P, Fichas de Triagem, Fichas de Anamnese – mostraram algumas discrepâncias face à literatura pré-existente. Por exemplo, verificou-se que uma maior perceção de Suporte Emocional parece estar associada a uma maior probabilidade de manifestação de problemas emocionais e de comportamento nos adolescentes; além disso, os resultados demonstraram que problemas de externalização são mais frequentes em raparigas, enquanto que os problemas de internalização são mais frequentes em rapazes – estes resultados não corroboram a literatura.

Estes resultados podem ser explicados pelo facto de, na presente investigação, estarmos perante uma amostra clínica muito reduzida, longe daquilo que seria uma amostra normativa utilizada nos restantes estudos. Além disso, é de ressaltar que os dados recolhidos tratam-se de medidas de autorrelato e não de medidas diretas de avaliação de práticas parentais e de problemas de internalização e externalização. Ainda assim, este estudo revela-se importante devido à reduzida evidência empírica, em Portugal, daquela que é a perceção dos pais sobre as suas práticas parentais e a associação que têm com os problemas emocionais e de comportamento nos filhos adolescentes. Desta forma, este estudo pode ser percebido como uma oportunidade para aprofundar o conhecimento destas relações em amostras clínicas de adolescentes e como contributo para uma intervenção psicológica atempada e adequada a esta população.

Palavras-Chave: Adolescência; Práticas Parentais; Parentalidade; Problemas de Internalização; Problemas de Externalização.

ABSTRACT

The literature shows that there is an association between parenting practices and the manifestation of internalizing and externalizing problems in adolescents. More specifically, studies have revealed that high Emotional Support is associated with a lower occurrence of emotional and behavioral problems, while the same is true for low levels of Rejection and moderate levels of Overprotection. Most of these studies are based on adolescent self-reports; however, the perspective of parents hasn't been analyzed as much.

Therefore, the aim of the present study was to analyze the association between parents' perceptions of their parenting practices and the perceived internalizing and externalizing problems in their adolescent children. This study was part of the research project " Os Nós e os Laços: Risco Parental e Problemas de Internalização e Externalização em Crianças e Adolescentes", underway at the Clínica Pedagógica de Psicologia (CPP) of Universidade Fernando Pessoa. Data were collected from the database of the Consulta de Crianças, Adolescentes e Famílias and from the clinical records of adolescents, with all necessary ethical and deontological assumptions fulfilled for the research.

The results of the data collected for the research – through the instruments SDQ (Parent Version), EMBU-P, Screening Forms, and Anamnesis Forms – showed some discrepancies compared to the existing literature. For example, it was found that a higher perception of Emotional Support seems to be associated with a greater probability of manifestation of emotional and behavioral problems in adolescents; moreover, the results demonstrated that externalizing problems are more frequent in girls, while internalizing problems are more frequent in boys – these results do not corroborate the literature.

These results can be explained by the fact that, in the present investigation, we are dealing with a very small clinical sample, far from what would be a normative sample used in other studies. Furthermore, it should be noted that the collected data are self-report measures and not direct measures of the evaluation of parenting practices and internalizing and externalizing problems. Even so, this study is important due to the limited empirical evidence, in Portugal, of parents' perceptions of their parenting practices and the association they have with emotional and behavioral problems in adolescent children. Thus, this study can be seen as an opportunity to deepen the knowledge of these relationships in clinical samples of adolescents and as a contribution to an appropriate psychological intervention for this population.

Keywords: Adolescence; Parental Practices; Parenthood; Internalizing Problems; Externalizing Problems.

Índice Geral

RESUMO	vii
ABSTRACT	ix
Índice de Tabelas	xiii
Introdução	1
1ª Parte: Enquadramento Teórico	3
1. Adolescência e Família	5
1.1. A Adolescência	5
1.2. Desafios da Adolescência	6
1.3. O Papel da Família	9
1.4. Parentalidade	10
1.5. Parentalidade Positiva	11
2. Práticas Parentais versus Estilos Parentais	13
2.1. Uma Abordagem Tipológica	14
2.2. Uma Abordagem Dimensional: Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo	16
3. Problemas de Internalização e Externalização	19
3.1. Problemas de Externalização	19
3.2. Problemas de Internalização	20
4. Práticas Parentais e Problemas de Internalização e Externalização	23
4.1. A Perspetiva dos Pais e dos Adolescentes	26
2ª Parte: Estudo Empírico	31
1. Metodologia	33
1.1. Objetivos de Investigação	33
1.2. Questões de Investigação	33
1.3. Hipóteses de Investigação	34
2. Método	35

2.1.	Amostra	35
2.2.	Instrumentos	37
2.3.	Procedimentos	42
3.	Resultados	45
3.1.	Análise Descritiva	45
3.2.	Análise Inferencial	49
4.	Discussão de Resultados	55
	Conclusão	59
	Referências Bibliográficas	61
	ANEXOS	67

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos adolescentes _____	35
Tabela 2. Variáveis do agregado familiar _____	36
Tabela 3. Variáveis de caracterização dos pais _____	37
Tabela 4. Pontuações médias das diferentes escalas do EMBU-P (mães, pais) _____	40
Tabela 5. Categorias da anamnese relativas a atividades educativas _____	42
Tabela 6. Valores de dispersão dos resultados por dimensão do EMBU-P (mãe, pai) _____	45
Tabela 7. Pontuações médias das diferentes escalas do EMBU-P (comparação entre a média da população portuguesa e a média da amostra _____	46
Tabela 8. Valores do teste de normalidade do EMBU-P (Teste de Shapiro-Wilks) _____	47
Tabela 9. Frequências dos problemas de externalização e internalização do SDQ-P _____	48
Tabela 10. Respostas mais frequentes dos indicadores da anamnese _____	48
Tabela 11. Suporte Emocional e indicadores da anamnese _____	49
Tabela 12. Associação entre práticas parentais e problemas de internalização e externalização _____	50
Tabela 13. Diferenças entre rapazes e raparigas na manifestação de problemas de internalização e externalização _____	52
Tabela 14. Associação entre idade e problemas de internalização e externalização _____	53

Introdução

O presente estudo apresenta-se como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde e está integrado num Projeto de Investigação em curso na Clínica Pedagógica de Psicologia (CPP) da Universidade Fernando Pessoa, denominado "Os Nós e os Laços: Risco Parental e Problemas de Internalização e Externalização em Crianças e Adolescentes" (Marinho et al., 2018). Neste sentido, o estudo tem como principal objetivo analisar a relação entre a percepção dos pais das práticas parentais e a manifestação de problemas de internalização e de externalização nos filhos adolescentes. Este tema revela-se importante uma vez que é conhecido que as práticas parentais “podem exercer um papel importante no curso de desenvolvimento atípico” (Nunes et al., 2015, p.373), sendo que tem sido sugerido pela literatura que o papel desempenhado pelos pais tem uma grande influência no possível desenvolvimento de perturbações a nível comportamental e emocional na adolescência (Vale-Dias & Berardo, 2019).

A escolha do tema desta investigação decorre da relevância, a nível científico, daquela que é percepção dos pais sobre as suas próprias práticas parentais e a sua relação com problemas de internalização e externalização nos seus filhos adolescentes. A verdade é que a literatura nos apresenta uma variedade de estudos nos quais a percepção dos próprios adolescentes é tida em conta (Maurizi et al., 2012; Kapetanovic & Boson, 2022). Contudo, a perspetiva dos pais é pouco analisada, tanto no contexto nacional como a nível internacional. Assim, salienta-se a importância da presente investigação, sendo que no que toca às motivações pessoais da investigadora, a integração nesta investigação decorre do interesse pelo tema em estudo e, principalmente, pelo gosto em conhecer um pouco mais acerca dos fatores parentais que impactam no desenvolvimento dos indivíduos.

Esta dissertação está dividida em duas partes, sendo a primeira um enquadramento teórico, onde é apresentada a revisão da literatura relevante para o tema em estudo, dividido por temas. Em primeiro lugar, são abordadas questões relacionadas com a adolescência, nomeadamente os desafios e consequências das diversas alterações físicas, cognitivas e psicossociais que acontecem nesta fase. De seguida, procura-se explorar conceitos relacionados com a família e com a parentalidade, sendo procurado explorar e diferenciar, posteriormente, os conceitos de práticas parentais e estilos parentais. Por

último, é abordada a psicopatologia do desenvolvimento na adolescência, sendo que é deste modelo que os construtos de internalização e externalização emergem e são explorados, integrando, também, aquela que é a percepção dos pais sobre a manifestação destes problemas nos seus filhos. Na segunda parte do trabalho é apresentado o estudo empírico, que contempla o método utilizado na investigação, a caracterização dos participantes, os instrumentos utilizados, e os procedimentos de recolha, análise e tratamento de dados, seguindo-se a apresentação e a discussão dos resultados. Por fim, irão ser feitas as conclusões finais da investigação, bem como a análise de possíveis limitações e propostas para pesquisas futuras.

1ª Parte: Enquadramento Teórico

1. Adolescência e Família

1.1. A Adolescência

A adolescência é uma etapa muito desafiante no ciclo vital de um indivíduo, uma vez que é um período marcado por diversas mudanças e transições que envolvem alterações a nível físico, cognitivo e psicossocial (Papalia et al., 2001). É, todavia, um construto difícil de definir, sendo que existe pouco consenso na literatura sobre quando se inicia e quando termina a adolescência. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2014), a adolescência ocorre entre os 10 e os 19 anos, sendo que o ponto de início, não sendo claramente definido, é considerado como sendo o começo da puberdade (Papalia et al., 2001). Contudo, de acordo com Carr (2006), podemos dividir a adolescência em três fases: uma fase inicial desde os 10 aos 13 anos, uma fase intermédia dos 14 aos 16 anos, e a fase final até cerca dos 19 anos.

A palavra adolescência tem origem no termo em latim *adolescere*, que significa crescer, e foi Stanley Hall, um psicólogo norte-americano, que legitimou este período como uma etapa que requer estudo e atenção, tendo sido o mesmo a iniciar o estudo científico da adolescência (Hall, 2004 citado por Schoen-Ferreira et al, 2010). No entanto, para Hall (1925 citado por Schoen-Ferreira et al, 2010), a adolescência era, essencialmente, um período recheado de mudanças biológicas, sendo que as questões psicossociais não eram área de interesse do mesmo. Desta forma, e no âmbito deste estudo, o trabalho desenvolvido por Erik Erikson (1976) torna-se muito mais relevante e adequado ao objetivo desta investigação.

De facto, de acordo com a Teoria de Desenvolvimento Psicossocial de Erikson, a tarefa mais importante da adolescência é a construção da identidade, uma vez que é este passo que permite uma transformação da pessoa para um adulto produtivo e maduro (Erikson, 1979 citado por Schoen-Ferreira et al., 2003). Para Erikson (1976), esta construção da identidade consiste na definição daquilo que a pessoa é, de quais valores lhe são mais importantes, e quais objetivos e metas pretende atingir durante a sua vida.

De acordo com o autor, o crescimento psicológico de um indivíduo ocorre através de estádios, sendo que a cada etapa a pessoa cresce devido às exigências internas do seu ego, mas também devido às exigências externas, ou seja, do meio em que vive (Erikson, 1976). Neste sentido, para Erikson (1979 citado por Schoen-Ferreira et al., 2003), a formação da

identidade é influenciada de diversas formas: pelas capacidades inatas do indivíduo e características adquiridas da personalidade (fatores intrapessoais), pelas identificações com outras pessoas (fatores interpessoais), e pelos valores sociais a que o indivíduo está exposto (fatores culturais).

O autor definiu oito estádios de desenvolvimento, sendo que cada um é atravessado por uma crise psicossocial entre um aspeto positivo e um aspeto negativo da personalidade – a resolução desta crise permite que a personalidade se vá reestruturando e que o ego se adapte a possíveis novos sucessos e fracassos, além de proporcionar uma maior competência social e pessoal, e maiores capacidades para resolver crises futuras (Kasinath, 2013).

Uma destas crises ocorre durante o período da adolescência, entre os 12 e os 21 anos, e está relacionada, precisamente, com a construção da identidade, uma vez que a preocupação do adolescente em encontrar um papel social provoca uma possível modificação nas suas atitudes e ações (Erikson, 1976). Este é, então, o quinto de estádio de desenvolvimento (identidade *versus* confusão de identidade), sendo que é aqui que o adolescente começa a perceber qual é o seu papel no mundo e começa a ter consciência da sua singularidade (Erikson, 1976). De facto, é nesta etapa da vida que o adolescente se começa a afastar daquilo que se concebe ser e se começa a aproximar daquilo que os outros vêm e esperam dele (Papalia et al., 2001).

Isto acontece porque é na adolescência que se adquire uma melhor compreensão de como a sociedade adulta funciona, o que envolve aprender a pensar de uma forma mais abstrata sobre o futuro e racionalizar mais sobre atitudes e decisões a tomar (Dahl et al., 2018). Além disto, é nesta etapa que os jovens aprendem a relacionarem-se com o mundo à sua volta, descobrindo-o através de elaborados processos de tentativa e erro (Papalia et al., 2001). É o acumular de todas estas mudanças e novas aquisições que tornam a adolescência um período extremamente desafiante para os adolescentes e para aqueles à sua volta.

1.2. Desafios da Adolescência

Durante o período da adolescência, um número de mudanças físicas, comportamentais e cognitivas acontecem, o que pode ser uma experiência asoberbante para o adolescente e para aqueles que fazem parte do seu núcleo mais próximo (Georgiou & Symeou, 2018). A adolescência abrange inúmeras alterações desenvolvimentais e experiências de

aprendizagem que ocorrem durante a transição da infância para o início da idade adulta (Dahl et al., 2018). Esta transição inicia-se com a puberdade, um processo biológico relacionado à maturação sexual, e que, tipicamente, começa aos 10 anos nas raparigas, e aos 12 anos nos rapazes (Dahl et al., 2018).

A puberdade implica alterações no cérebro que, por sua vez, iniciam mudanças transformacionais no corpo – aceleração rápida no crescimento físico, mudanças no ciclo do sono e na regulação circadiana, e maturação sexual (estrutura facial, voz, distribuição da massa gorda e muscular, secreções glandulares, desenvolvimento das zonas genitais, e mudanças metabólicas) (Patton & Viner, 2007 citado por Dahl et al., 2018). Ciclicamente, estas mudanças metabólicas afetam também o cérebro, alterando-o cognitivamente, e a nível emocional e motivacional (Piekarski et al., 2017 citado por Dahl et al., 2018).

As alterações neuronais típicas desta fase do crescimento estão associadas as mudanças a nível comportamental, como é o caso de uma reorientação da atenção e da motivação – esta atenção passa a estar muito mais direcionada para os pares, para interesses românticos e sexuais e, de uma forma mais geral, para a avaliação que é feita deles a nível social, além da procura por estatuto e prestígio, por exemplo, na escola e nos seus grupos de amigos (De Lorme et al., citado por Dahl et al., 2018). Neste sentido, as diferentes alterações referentes ao desenvolvimento dos adolescentes, além de acontecerem a nível físico e cognitivo, acabam por envolver profundas mudanças nas responsabilidades sociais dos mesmos, e nos papéis que representam na sociedade – esta trajetória desenvolvimental faz emergir uma multitude de vulnerabilidades e comportamentos desafiantes (Suleiman et al., 2017 citado por Dahl et al., 2018).

Na realidade, é comum associar esta etapa da vida à rebeldia, sendo que é verdade que os adolescentes podem, com alguma frequência, desafiar a autoridade dos pais (Papalia et al., 2001) – grande parte destes conflitos têm, na sua base, o caminho dos adolescentes rumo à independência e à autonomia (Papalia et al., 2001). No fundo, a adolescência é uma fase do ciclo vital familiar que provoca intensas transformações relacionais, especialmente entre pais e filhos, uma vez que estes se encontram em momentos diferentes de transformação (Sudbrack, 2001). Isto significa que os adolescentes “costumam questionar valores e regras familiares, preocupando-se intensamente com o futuro, enquanto que os seus pais se encontram numa etapa de questionamento profissional, de reflexão e de transformação” (Pratta & Santos, 2007, p.251). Neste

sentido, as emoções que acompanham as transições que ocorrem durante a adolescência podem tornar esta fase de vida tumultuosa; contudo, a maioria dos jovens continua a sentir-se próxima dos pais e a ter sentimentos positivos pelos mesmos (Papalia et al., 2001).

De uma forma geral, adolescentes tendem a preocupar-se muito com o que os outros pensam deles, sendo que, muitas vezes, ficam confusos sobre quais as características que devem adotar, uma vez que recebem *feedbacks* diferentes de diferentes grupos – pais, amigos, redes sociais (Woolfolk & Perry, 2014). Isto porque, durante a adolescência, os indivíduos desenvolvem a capacidade de pensamento abstrato e de perceber as perspetivas dos outros (Kasinath, 2013). Além disso, nesta fase, os indivíduos já conseguem reconhecer discrepâncias entre o seu *self* real e aquele que seria o seu *self* ideal; quando esta discrepância é grande, é comum que o autoconceito destes adolescentes seja afetado (Woolfolk & Perry, 2014).

De facto, quase todos os adolescentes experienciam algum tipo de incerteza sobre quem eles são e sobre o que querem fazer com as suas vidas (Papalia et al., 2001). É comum que o adolescente “passe por momentos de instabilidade, sentindo-se muitas vezes inseguro, confuso, angustiado e incompreendido por pais e professores, o que pode acarretar problemas para os seus relacionamentos com as pessoas mais próximas do seu convívio social” (Pratta & Santos, 2007, p.253). Para alguns, esta falta de orientação pode chegar a níveis extremos, o que pode ser associado a problemas emocionais e de comportamento, sendo estas as primeiras manifestações psicopatológicas que podem acompanhar o indivíduo para o resto da vida (Nunes et al., 2015).

Realmente, “este processo de adolecer é compreendido como um período vulnerável para o desenvolvimento de problemas relacionados à saúde mental” (Rossi et al., 2019, p.2). Para alguns indivíduos, uma resolução mal sucedida da sua crise de identidade pode resultar em problemas como depressão, delinquência, abuso de substâncias e, até, suicídio (Woolfolk & Perry, 2014). De facto, a literatura evidencia que o suicídio é a segunda causa de morte entre jovens dos 15 aos 19 anos, a nível mundial (Rossi et al., 2019). Por outro lado, estudos revelam que um desenvolvimento adequado da identidade, associado a relações de qualidade com outras pessoas, como os amigos ou a família, resulta num maior bem-estar psicológico nos adolescentes (Ragelienè, 2016).

1.3. O Papel da Família

A família associa-se sempre ao contexto no qual nascemos, crescemos e morremos, sendo que este conceito surge das diversidades a nível cultural e social, e vai acompanhando as mudanças das diferentes sociedades (Alarcão, 2012). A família é um pilar básico na estrutura da nossa sociedade, sendo que “aos psicólogos do desenvolvimento interessa, em particular, a família enquanto contexto primário e fundamental de socialização, onde indivíduos de diferentes gerações interagem e se influenciam mutuamente” (Cruz, 2013, p.13).

Por socialização, entende-se a forma como o indivíduo, através da educação, da observação e da experiência adquire competências, motivações, atitudes e comportamentos que são necessários a uma adaptação bem sucedida à cultura e à família (Spera, 2005). A verdade é que a família é o primeiro grupo social do qual o indivíduo faz parte, sendo precisamente aqui que se estabelecem as primeiras interações significativas e as primeiras relações interpessoais (Alarcão, 2002).

A família é um sistema organizado por hierarquias, composta por diferentes subsistemas que estão em constante interação – conjugal (entre marido e mulher), fraternal (entre irmãos) e parental (entre pais e filhos) – sendo que o subsistema parental tem um papel fundamental no desenvolvimento dos adolescentes (Chambers & Gracia, 2022). De acordo com Palácios e Rodrigo (2002), os pais têm algumas funções específicas para com os filhos: assegurar a sua sobrevivência e crescimento; socializá-los nos comportamentos de comunicação, diálogo, simbolização; estimulá-los a nível social, físico e cognitivo; e proporcionar um ambiente de afeto e apoio.

Neste sentido, o papel dos pais na educação dos filhos é uma componente fundamental na determinação e na organização da personalidade dos adolescentes, uma vez que influencia significativamente no comportamento individual através das ações e medidas educativas tomadas no seio familiar (Pratta & Santos, 2007). Da mesma forma, Darling e Steinberg (1993) sugerem que o desenvolvimento da identidade está associado ao ambiente familiar e às práticas educativas dos pais, no exercício da sua parentalidade.

1.4. Parentalidade

A parentalidade está relacionada com as práticas, ações educativas e processos que os pais ou cuidadores utilizam para promover o desenvolvimento dos seus descendentes (Cerqueira et al., 2020). A mesma é um fator determinante no desenvolvimento de várias áreas do funcionamento da criança ou jovem, sendo caracterizada por Cruz (2013) como o “conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos, no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade” (p.13).

Barroso e Machado (2011) acrescentam, ainda, que a parentalidade está associada à forma como as figuras parentais cuidam dos filhos, lhes incutem valores, e os preparam para situações decorrentes do próprio desenvolvimento, nomeadamente situações físicas, económicas e psicossociais. De facto, enquanto cuidadores, os pais tornam-se os principais agentes da sua socialização e desenvolvimento, a nível comportamental, emocional e cognitivo (Cruz, 2013). De acordo com Fleming (1997), os pais devem ter a competência de preparar os filhos para a tarefa desenvolvimental mais importante da adolescência: a autonomia, ou, por outras palavras, a separação dos pais. A autora distingue três tipos de autonomia, referindo-se, em primeiro lugar, a uma autonomia emocional, relacionada ao abandono dos laços infantis aos pais, e, também, a uma autonomia comportamental, associada à capacidade de tomada de decisão por si próprio. Além disso, refere-se, ainda, a uma autonomia de valores, sendo esta a capacidade do adolescente se identificar com as suas próprias crenças e valores, após conscientes considerações de alternativas (Fleming, 1997).

De um modo geral, a parentalidade associa-se a ações iniciadas pelos pais e que têm como objetivo a promoção do desenvolvimento dos filhos e do seu futuro enquanto adultos independentes. Estas práticas parentais já há muito tempo que são consideradas por psicólogos, sociólogos e educadores como uma das principais influências no desenvolvimento dos adolescentes (Bjokland et al., 2002).

A relação entre pais e filhos foi-se alterando ao longo dos anos, sendo que, atualmente, esta relação não é mais baseada na imposição de autoridade, mas sim na valorização de um relacionamento aberto, assente na importância do diálogo, da partilha e da afetividade (Pratta & Santos, 2007). Uma relação entre pais e filhos onde estes últimos se sentem

acolhidos e acarinhados permite aos adolescentes sentirem-se suportados e seguros emocionalmente, ou seja, confortáveis para expressar as suas emoções, pelo que tais práticas são reconhecidas como uma parentalidade positiva (Morris et al., 2017).

1.5. Parentalidade Positiva

Durante muitos anos, os pais de primeira viagem aprendiam os pontos fundamentais da educação dos filhos através do exemplo dos seus próprios pais – utilizavam as técnicas que observavam dos seus pais e aplicavam-nas aos seus próprios filhos. Nos dias de hoje, essa abordagem não resulta da melhor forma, uma vez que as mudanças no mundo atual são evidentes – o uso quase dependente de telemóveis, da *Internet*, e as alterações na família nuclear forçam as crianças a crescerem mais rapidamente e a aprenderem a lidar com os desafios da vida contemporânea (Cline & Fay, 2020). Neste sentido, os pais têm, também, que se adaptar e procurar novas formas de preparar os filhos para este mundo em rápida transformação.

A verdade é que era comum os nossos antepassados utilizarem um tipo de educação diferente à que é promovida hoje em dia. Isto porque as punições e castigos (até a nível físico) eram valorizados e tidos como a melhor forma de educar as crianças e jovens. No entanto, atualmente, estes tipos de práticas não são tão socialmente aceitáveis, sendo que a própria investigação aponta para que tal abordagem não é a mais adequada a um bom desenvolvimento dos indivíduos, seja a nível cognitivo, social ou pessoal (Batool & Lewis, 2020).

Na realidade, a literatura revela que é a parentalidade positiva que apresenta um impacto mais favorável nas diferentes dimensões da vida dos adolescentes, sendo que, pelo contrário, práticas parentais negativas, associadas a punições e privações de objetos ou atividades, têm um impacto adverso (Li et al., 2023). Desta forma, é uma interação adequada entre pais e filhos, caracterizada por sentimentos mútuos de respeito e de positividade, que resultam numa saudável regulação de emoções, mais elevada autoestima e melhores relações interpessoais nos adolescentes (Li et al., 2023).

Além disso, a parentalidade positiva, relacionada, essencialmente, à responsividade das necessidades do adolescente, é associada a maiores níveis de inteligência emocional e menor probabilidade de desenvolvimento de problemas emocionais e de comportamento (Batool & Lewis, 2020). Isto porque quando os pais são emocionalmente expressivos e responsivos, os seus filhos conseguem entender e expressar melhor as suas emoções;

sendo assim, quando os pais incitam os filhos a partilhar o que sentem, eles acabam por desenvolver uma competência emocional mais elevada (Batoool & Lewis, 2020).

De um modo geral, a parentalidade positiva associa-se a práticas parentais constituídas, maioritariamente, por demonstrações de amor, carinho e simpatia, e está relacionada a uma orientação guiada pelos pais através do encorajamento e da estimulação das capacidades dos seus filhos (Cline & Fay, 2020). Como dito anteriormente, a investigação suporta este tipo de ações parentais, no sentido em que fornecem efeitos benéficos na educação dos filhos. Sendo assim, no próximo capítulo será explorado o conceito de práticas parentais e a influência que poderão ter, ou não, no desenvolvimento psicológico dos adolescentes.

2. Práticas Parentais *versus* Estilos Parentais

Uma vez que, ao longo da revisão da literatura, foi encontrada alguma confusão terminológica, torna-se importante diferenciar práticas parentais de estilos parentais, dois conceitos diferentes que serão mencionados ao longo da investigação. De acordo com Darling e Steinberg (1993), as práticas parentais incluem atitudes e comportamentos específicos utilizados pelos pais para exercer os seus deveres de parentalidade; por outro lado, os estilos parentais são o conjunto dessas atitudes e comportamentos, compartimentados e rotulados de acordo com as suas características. Por outras palavras, os estilos parentais são expressos através das diferentes práticas parentais (por exemplo, ajudar a fazer trabalhos de casa, monitorizar atividades extracurriculares, participar em reuniões da escola).

Apesar de estudos anteriores enfatizarem a importância de avaliar globalmente os estilos parentais, evidências mais recentes valorizam a avaliação das próprias práticas parentais (Lee et al., 2006). Isto porque as práticas parentais são comportamentos que podem ser observados e que podem ser efetivamente definidos, medidos e associados diretamente aos comportamentos demonstrados pelos filhos (Darling & Steinberg, 1993), além de predizerem mediadores importantes, incluindo o rendimento académico, o ajustamento psicossocial e o bem-estar psicológico (Gaspar & Matos, 2017). Por esse mesmo motivo, o presente estudo estará mais direcionado para a análise de práticas parentais.

De acordo com Bjorklund et al. (2002), as práticas parentais são definidas por cinco funções. Em primeiro lugar encontra-se a satisfação das necessidades mais básicas: higiene, alimentação e habitação, que quando não cumpridas, pode ser indicador de situações de carência, ou, até mesmo, negligência. A segunda função diz respeito à disponibilização, por parte dos pais, de um mundo físico organizado, com lugar à existência de rotinas (Bjorklund et al., 2002). Os mesmos autores explicitam a terceira função: necessidades de interação social entre pais e filhos, e também com a comunidade, já que, tal como visto anteriormente, é na família que são adquiridos normas e valores que servirão de base para a integração do sujeito na sociedade. Já a quarta função associa-se à resposta às necessidades de compreensão cognitiva da família e do mundo (Bjorklund et al., 2002). Por último, os autores acrescentam que a quinta função está relacionada com a satisfação das necessidades de afeto, segurança e confiança.

Como referido anteriormente, estas práticas parentais podem ser agrupadas em estilos parentais distintos. Esta abordagem tipológica foi iniciada por Baumrind (1965, 1971), sendo que, ainda hoje, é utilizada na investigação.

2.1. Uma Abordagem Tipológica

Os estudos pioneiros de Baumrind (1971) tiveram como objetivo avaliar o impacto das práticas parentais em várias dimensões da vida do indivíduo, e contribuíram para a proposta da existência de três tipos de estilos parentais que se demonstram decisivos no processo de desenvolvimento das crianças e jovens – o autoritativo, o autoritário e o permissivo. Tendo em conta a natureza do estudo, torna-se importante descrever e explorar esta abordagem tipológica aos estilos parentais, nomeadamente quanto ao tipo de práticas parentais associadas a cada um deles.

O estilo autoritativo é, para Baumrind (1971), o *ideal*, já que estes pais são afetuosos, calorosos e responsivos às necessidades dos filhos, promovendo sempre uma comunicação aberta e a individualidade de cada elemento, sem nunca prescindir da procura pelo respeito e pela exigência na educação dos filhos. Os pais tendem a exercer um controlo firme nos filhos, mas de forma racional, uma vez que valorizam tanto a obediência, como a autonomia (Baumrind, 1965). Este estilo favorece a internalização das normas parentais, uma vez que a interação verbal é encorajada e os pais procuram explicar aos filhos as razões inerentes às regras que instalam e decisões que tomam (Grusec, 2002). É possível perceber, e estudos confirmam-no, que este é o estilo parental que melhor acomoda as necessidades desenvolvimentais de uma criança e/ou jovem, já que lhes é proporcionado um ambiente estimulador, desafiante, de afeto e de apoio (Kapetanovic & Boson, 2022). Já Baumrind (1965) afirmava que este é o estilo parental mais adaptativo, uma vez os filhos demonstram melhores níveis de ajustamento psicológico e comportamental, sendo mais confiantes e competentes a nível psicossocial.

Por outro lado, o estilo autoritário é caracterizado por valores reduzidos de afetividade, dando mais importância à obediência e à restrição, sendo que aqui é encorajado a existência de punições para regular o comportamento dos filhos (Embalsado, 2021). Estes pais recorrem ao controlo excessivo, com o objetivo de modelar o comportamento dos filhos aos seus padrões de conduta inflexíveis e rígidos, sendo que não há uma promoção da comunicação, nem da troca de opiniões, uma vez que estes pais pretendem

que os filhos aceitem a sua palavra, sem a questionarem (Baumrid, 1965). Há uma valorização excessiva das regras, sendo feitas muitas exigências por parte dos pais, o que acaba por gerar bastantes conflitos dentro da família, nomeadamente quando estamos perante adolescentes que estão à procura da sua autonomia e independência (Kapetanovic & Boson, 2022).

Por último, Baumrind (1965) sugere, ainda, a existência de um estilo parental denominado como permissivo, onde os pais têm uma atitude demasiado tolerante, delegando nos filhos a função de tomar as suas próprias decisões e regularem o seu próprio comportamento. Aqui não existe uma procura pela obediência nem por controlo, sendo que os pais não se demonstram preocupados em regular ou modificar o comportamento dos filhos, dando-lhes autonomia excessiva e mostrando-se demasiado tolerantes aos seus impulsos e comportamentos desajustados (Grusec, 2002). Estes pais estimulam muito pouco os seus filhos, o que resulta num baixo desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e físicas, além de que a falta de exigência e de formulação de regras e barreiras tornam-nos demasiado dependentes e sobreprotegidos pelos pais (Baumrind, 1971).

Sem retirar todo o mérito do trabalho desenvolvido por Baumrind, este pode ser alvo de algumas críticas, no sentido em que os seus estudos (Baumrind, 1965) foram apenas realizados com amostras de famílias caucasianas, de nível socioeconómico médio e de zonas urbanas. De facto, é importante salientar que apesar de, de um modo geral, o estilo autoritativo ser considerado o mais adaptativo pela autora, existem fatores externos – nomeadamente, a cultura – não explorados ao longo do seu trabalho, mas que podem alterar os efeitos dos diferentes estilos parentais. Isto porque, a título de exemplo, estudos referem que o estilo autoritário pode ser considerado o mais adaptativo em algumas culturas africanas (Steinberg et al., 2006). Além disso, é importante salientar que a noção de família e seus constituintes foi-se alterando ao longo dos anos, sendo que a família tradicional composta por pai, mãe e filho já nem sempre é aplicável. Na verdade, atualmente existem novas possibilidades de organizações e diferentes formas de viver: famílias homoafetivas, famílias monoparentais femininas e masculinas, famílias poliamorosas, entre outros. Neste sentido, torna-se essencial realçar que os estudos de Baumrind foram realizados numa época em que tal realidade não existia, pelo que é possível levantar-se questões acerca da validade e aplicação das suas descobertas no dia de hoje.

Mais tarde, e a partir dos estudos de Baumrind, Maccoby e Martin (1983) sugeriram um quarto estilo parental, conhecido como negligente, considerado como o mais *indesejável*, uma vez que se caracteriza pela falta de apoio, orientação e afeto dos pais – estes são frios, inacessíveis e desinteressados. Este estilo parental caracteriza-se por uma falta de exigência de responsabilidades aos filhos, contudo, também não há um encorajamento pela sua independência e autonomia (Maccoby & Martin, 1983). Estes pais não são afetivos e recorrem muitas vezes a castigos e punições, pelo que os filhos tendem a ser tristes, inseguros, frustrados, e com maior facilidade em desenvolver problemas de conduta, como a delinquência (Embalsado, 2021).

2.2. Uma Abordagem Dimensional: Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo

Nos anos 80 do séc. XX, Arrindell e Van der Ende (1984), descreveram três dimensões diferentes de práticas parentais, que podem ser avaliadas através do *The Egna Minnen Beträffande Uppfostran* (EMBU) – são estas dimensões que se demonstrarão relevantes, posteriormente, no desenvolvimento do estudo empírico, sendo por isso importante caracterizá-las.

Estas dimensões são o suporte emocional, a rejeição e a tentativa de controlo (ou sobreproteção). Por um lado, a dimensão suporte emocional consiste no afeto e na responsividade às necessidades do adolescente, sendo comuns em ambientes familiares pautados por aceitação, sensibilidade, encorajamento e demonstrações verbais e físicas de carinho e amor (Simões et al., 2011 citado por Cerqueira et al., 2020). Por outro lado, a dimensão rejeição é marcada pela ausência destes mesmos comportamentos, e envolve privação de objetos e a utilização de castigos e punições (Arrindell & Van der Ende, 1984; Rohner et al., 2005 citado por Cerqueira et al., 2020). Já a tentativa de controlo é, por vezes, referenciada na literatura como negativa, mas, para outros autores, é considerada como positiva (Georgiou & Symeou, 2018; Ruiz-Hernández et al., 2019) – estas contradições serão exploradas e clarificadas mais à frente na investigação.

Estudos demonstram que o suporte e o afeto parental, característicos de um estilo parental autoritativo, estão associados a resultados positivos nos adolescentes, nomeadamente no que diz respeito ao rendimento académico e a competências pessoais e sociais (Lee et al., 2006). Por outro lado, uma parentalidade mais intrusiva e punitiva, ou seja, semelhante àquela utilizada por pais autoritários é mais facilmente associada a

casos de delinquência e depressão em adolescentes (Embalsado, 2021). Além disso, o estilo autoritário tem, também, sido associado a um humor mais triste nos adolescentes, a uma dificuldade a aliar-se aos pares, e a uma maior hostilidade, insegurança e apreensão (Lee et al., 2006). Sendo assim, o desafio para os pais assenta em conceder suficiente autonomia psicológica aos filhos, sem serem comportamentalmente permissivos (Barber & Harmon, 2002).

De uma forma geral, e com base nos diferentes estilos parentais explicitados anteriormente, quando os pais comunicam regras e limites através das suas práticas disciplinares, eles providenciam os seus filhos com diretrizes para um comportamento mais apropriado, o que faz com que a relação entre pais e filhos se torne mais próxima e amigável (Aguilar-Yamuza, 2019).

Por outro lado, práticas parentais inconsistentes, como a fraca supervisão ou uma má definição de barreiras, falham em transmitir aos jovens aquilo que são comportamentos socialmente aceitáveis, o que resulta no desenvolvimento de problemas comportamentais ou de externalização (como delinquência, abuso de substâncias ou comportamentos sexuais de risco) e emocionais ou de internalização (como ansiedade ou depressão) (Hill et al., 2018; Nichols & Tanner-Smith, 2022).

3. Problemas de Internalização e Externalização

No que diz respeito à área da Psicopatologia do Desenvolvimento, durante a fase da adolescência há um visível aumento de dificuldades apresentadas pelos adolescentes, nomeadamente a nível do ajustamento socioemocional (Nunes et al., 2015). O início da adolescência envolve um crescimento significativo a nível social, cognitivo e emocional nos indivíduos. Apesar de, para alguns adolescentes, este período estar relacionado com alterações desenvolvimentais positivas, para muitos é uma fase de vida onde problemas comportamentais, como problemas de conduta, ou emocionais, como ansiedade ou sintomas depressivos, começam a surgir (Meeus, 2016).

Achenbach, McConaughy e Howell (1987) agruparam estas dificuldades em duas dimensões psicopatológicas distintas: problemas de externalização (ou de comportamento) e problemas de internalização (ou emocionais) – termos ainda hoje aceites e utilizados pela comunidade científica.

3.1. Problemas de Externalização

Em relação aos problemas de externalização, eles são caracterizados por comportamentos desafiadores, agressivos e impulsivos (Calders et al., 2020). Estes comportamentos ou atos negativos são, maioritariamente, direcionados a pessoas ou grupos específicos, sejam eles amigos, professores ou pais (Eisenberg et al., 2001 citado por Nichols & Tanner-Smith, 2022). Isto significa que um indivíduo que apresente problemas de comportamento tem tendência a envolver-se em conflitos com o ambiente que o rodeia (Calders et al., 2020).

Especificamente no que toca à adolescência, estes problemas de externalização podem ser demonstrados através de situações violentas como roubos, prática de *bullying*, violência contra os pares, ou assédio (Mbua & Adigeb, 2015). De uma forma geral, estes problemas incluem agressões, delinquência, hiperatividade, e dificuldades de autocontrolo e autorregulação – comportamentos observáveis e que possuem um efeito negativo, tanto para o próprio, como para os lesados (Mbua & Adigeb, 2015). Como consequência, estes adolescentes têm maior tendência a reduzir o seu percurso escolar, abandonando cedo os estudos e, numa futura vida adulta, a apresentarem uma baixa realização profissional (Georgiou & Symeou, 2018).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2001), estima-se que aproximadamente 20% dos adolescentes têm um ou mais tipo de problemas de comportamento. Quando estes comportamentos se tornam repetitivos e persistentes, passam a ter relevância clínica, ou seja, passam a ser considerados como psicopatológicos. De acordo com Đurišić e Gajić (2016), a existência deste tipo de problemas tem tendência a aumentar ao longo da adolescência. De facto, os problemas de externalização são um fenómeno significativo e causam sofrimento ao adolescente e àqueles do seu círculo social, como é o caso da família, dos amigos e dos colegas de turma – neste sentido, acabam por ter um impacto significativamente negativo em diferentes áreas da vida do adolescente: familiar, social, escolar e profissional (Ruiz-Hernández et al., 2019).

3.2. Problemas de Internalização

Os problemas de internalização poderão não ser tão facilmente identificados, já que são mais subjetivos e manifestam-se, maioritariamente, intrasujeito, uma vez que este tenta controlar os impulsos e direcionar o comportamento para si mesmo (Cardoso et al., 2004). No entanto, são um grande problema na população jovem, sendo que é estimado que, globalmente, entre 15 a 35% dos indivíduos experienciem este tipo de sintomas na adolescência (Georgiou & Symeou, 2018) – em Portugal, este número ronda os 11.2% (Cardoso et al., 2004). No que toca às fases da adolescência, a investigação demonstra que são as idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos que são mais afetadas por sintomas de internalização (Georgiou & Symeou, 2018).

Estudos revelam que os problemas de internalização aparentam ser relativamente estáveis durante a infância, mas demonstram uma tendência a aumentarem e desenvolverem-se durante a adolescência (Đurišić & Gajić, 2016). Isto porque, tal como visto anteriormente, a transição para a adolescência envolve um grande leque de mudanças desenvolvimentais que poderão estar associadas a uma reatividade emocional mais elevada e, conseqüentemente, a problemas de internalização (Balan et al., 2017).

Estes problemas manifestam-se, então, através de comportamentos de inibição, de restrição social, depressão, ansiedade e queixas somáticas associadas (Calders et al., 2020; Costello et al., 2005 citado por Balan et al., 2017). Estes sintomas são muito disruptivos na vida do adolescente, seja a nível social, académico, ou interpessoal, estando associados a diversos efeitos negativos, como é o caso de baixos níveis de autoestima, de autoeficácia e rendimento académico (Georgiou & Symeou, 2018). Além

disso, há uma ligação com o abuso de substâncias e risco de suicídio, podendo também ser um preditor de psicopatologias na idade adulta (Balan et al., 2017).

De acordo com Đurišić e Gajić (2016), os problemas de internalização caracterizam-se por três aspetos principais que se interligam: os pensamentos negativos irracionais (nível cognitivo), o medo (presença de sintomas de tensão a nível físico), e o défice de competências sociais (componente comportamental). É muito comum jovens com problemas de internalização demonstrarem níveis elevados de inibição e dificuldade em começar uma conversa com outras pessoas, mesmo que assim o queiram fazer (Kingery et al., 2010 citado por Đurišić & Gajić, 2016). Desta forma, há uma tendência a evitar situações onde esta falta de habilidades sociais seja mais perceptível, tornando, assim, difícil adquirir uma imagem positiva de si próprio. A verdade é que uma interação reduzida com os pares impede os adolescentes de desenvolverem novas competências e mecanismos sociocognitivos que ajudariam na promoção da confiança; pelo contrário, estes jovens sentem medo do fracasso, são rígidos e excessivamente autocríticos consigo mesmos, além de serem muito retraídos por esperarem, desde logo, que não estarão ao alcance das expectativas dos outros (Đurišić & Gajić, 2016).

Em síntese, a literatura aponta para que existam algumas diferenças de género no que diz respeito à prevalência dos problemas mencionados anteriormente, encontra-se uma maior probabilidade de os rapazes manifestarem problemas de externalização, enquanto que nas raparigas é mais comum o desenvolvimento de problemas emocionais – estes dados podem ser explicados devido aos diferentes padrões de socialização a que ambos os sexos estão expostos (Parco & Jó, 2015).

No fundo, é perceptível que a investigação revela uma maior vulnerabilidade na saúde mental durante o período da adolescência, nomeadamente no que respeita à satisfação com a vida e à definição de um propósito de vida (Kapetanovic & Boson, 2022). A saúde mental dos jovens é, frequentemente, sensível e complexa, sendo facilmente afetada pela qualidade das suas relações interpessoais, com os amigos e colegas, mas, essencialmente, com os seus pais – é considerado que a relação entre pais e filhos adolescentes tem um impacto muito significativo na saúde mental do jovem e no seu desenvolvimento geral, a nível comportamental e emocional (Morris et al., 2017).

Neste sentido, são muitos os estudos que procuram investigar e analisar a influência que as práticas parentais têm nos problemas de internalização e externalização dos

adolescentes. De uma forma geral, as práticas parentais têm sido sublinhadas como uma das variáveis mais importantes que influenciam o desenvolvimento neurológico, psicológico e social dos jovens (Ruiz-Hernández et al., 2019).

4. Práticas Parentais e Problemas de Internalização e Externalização

A investigação tem procurado encontrar respostas para a origem dos problemas comportamentais e emocionais demonstrados pelos adolescentes, nomeadamente no que diz respeito aos fatores que estão por detrás destas manifestações (Nunes et al., 2015). Neste sentido, são vários os estudos que tentam perceber a influência que a parentalidade pode ter nestes problemas (Berge et al., 2015). De facto, é conhecido que as práticas parentais “podem exercer um papel importante no curso de desenvolvimento atípico” (Nunes et al., 2015, p.373), sendo que o papel desempenhado pelos pais tem surgido na investigação tanto como fator de risco, como fator protetor para alguns problemas comportamentais e emocionais na adolescência (Vale-Dias & Berardo, 2019). Na literatura, o papel de ambos os pais é apontado como impactante no desenvolvimento geral dos filhos, apesar da contribuição do pai estar a ser, de forma geral, menos estudada do que a da mãe (Symeou & Georgiou, 2017).

No que diz respeito aos problemas de externalização, estudos demonstram que ambientes familiares caracterizados pela rejeição, exposição à violência, uso de substâncias, punição excessiva e interações familiares negativas estão associados a estes problemas nos jovens (Benetti et al., 2010). De facto, a existência de conflitos na relação entre pais e filhos adolescentes parece ser um forte preditor deste tipo de sintomatologia, uma vez que discussões e discórdias no meio familiar estão associadas a maiores níveis de agressividade nos adolescentes (Georgiou & Symeou, 2018).

Ora, estes tipos de acontecimentos ocorrem muito mais frequentemente quando estamos perante práticas parentais baseadas numa demasiada elevada tentativa de controlo, devido ao controlo excessivo existente, ou numa tentativa de controlo demasiado baixa, onde a falta de regras despoleta a impulsividade e agressividade (Baumrind, 1971; Anake & Ada, 2015). É importante salientar, também, que este aspeto proibitivo e/ou controlador acaba por levar a que os filhos se aliem a pessoas com comportamentos desviantes, seja na escola ou noutras atividades (por exemplo, abuso de substâncias) com o objetivo de se rebelarem contra a exigência dos pais (Berge et al., 2015).

Na verdade, a imposição de regras intransigentes por parte dos pais é entendida como uma prática parental utilizada com o objetivo de punir os jovens e incutir crenças e comportamentos de forma coerciva, sem considerar os desejos e necessidades dos filhos (Fuentes-Balderrama et al., 2020). Consequentemente, há um despoletar de raiva dos

adolescentes para com os pais, associada ao desenvolvimento de problemas de externalização e à promoção do medo e inibição perante figuras de autoridade, o que impede a criação de uma relação adequada entre pais e filhos (González & Garcia, 2014).

Por outro lado, estudos que exploram a influência das práticas parentais no desenvolvimento de problemas de externalização nos adolescentes, revelam que são as práticas baseadas no suporte emocional e na comunicação que providenciam efeitos claramente positivos na adaptação dos filhos, ao promover a resiliência, a autoestima e um melhor ajustamento psicológico (Mbua & Adigeb, 2015). Isto porque a estimulação cognitiva e social aumenta a motivação dos jovens para progredir e procurar a sua própria identidade (Shayesteh et al., 2014 citado por Ruiz-Hernández et al., 2019). Além disso, este tipo de práticas mais autoritativas promovem a autonomia dos jovens, o afeto e a comunicação (como por exemplo a partilha espontânea de informação por parte dos adolescentes com os pais sobre as suas atividades fora de casa e sobre a relação com os seus amigos e colegas) (Gómez-Ortiz et al., 2014 citado por Ruiz-Hernández et al., 2019). Neste sentido, estes tipos de práticas apresentam-se como um fator protetor e que diminui o risco do desenvolvimento de problemas emocionais e de comportamento (Morris et al., 2017).

É importante salientar que a falta de afeto e relações familiares conflituosas também podem refletir problemas de internalização nos adolescentes (Benetti et al., 2010). Pais com práticas baseadas na rejeição e punição podem gerar nos filhos uma maior tendência de internalização de sintomas e maiores níveis de ansiedade e depressão, devido à falta de confiança criada na relação, à elevada exigência ou, por outro lado, à ausência de responsividade por parte das figuras paternas (Cardoso & Veríssimo, 2013). Tal como dito anteriormente, estes jovens acabam por desenvolver uma autoestima muito baixa (Mbua & Adigeb, 2015), o que não é surpresa, uma vez que estes pais revelam comportamentos intrusivos e proibitórios, sendo assim compreensível que os adolescentes adotem uma perspetiva negativa de si próprios.

No entanto, e no que diz respeito principalmente a sintomas de internalização, a literatura sugere que, apesar de as práticas parentais poderem servir como moderadores de patologia, existem inúmeros outros fatores que podem fazer surgir este tipo de problemas nos adolescentes e que devem ser tidos em conta (Gorostiaga et al., 2019). Entre eles estão fatores genéticos (pai ou mãe ter um diagnóstico de doença mental), situação económica e cultural, idade e género (Gorostiaga et al., 2019).

Importa sublinhar que os níveis de controlo e de supervisão por parte dos pais nos primeiros anos da fase da adolescência são mais elevados, sendo que vão, progressivamente, diminuindo – isto porque, numa adolescência mais tardia, os jovens passam mais tempo com os pares, em detrimento dos pais, com o objetivo de perseguirem a autonomia e a independência (Ruiz-Hernández et al., 2019). Os estudos sobre esta dimensão – o controlo parental – acabam por demonstrar alguns resultados contraditórios. Isto porque, por um lado, este controlo é percebido como negativo, sendo associado a aspetos como a coerção e a imposição de limites intransigentes, sendo que são os adolescentes mais agressivos que relatam perceber os seus pais como controladores (Gómez-Ortiz et al., 2015). No entanto, existem estudos que defendem o controlo parental como um fator protetor contra o desenvolvimento de problemas emocionais e de comportamento (Ruiz-Hernández et al., 2019).

De forma a clarificar estas contradições, na literatura procura-se diferenciar dois tipos de controlo parental: o controlo psicológico e o controlo comportamental (Symeou & Georgiou, 2017). O controlo psicológico é associado a práticas parentais de manipulação cognitiva e emocional, através de criticismo excessivo, além de uma falta de responsividade perante as necessidades emocionais dos filhos (Fuentes-Balderrama et al., 2020). Neste sentido, o ambiente familiar torna-se extremamente stressante para o adolescente, resultando numa maior prevalência de problemas emocionais e de comportamento (Fuentes-Balderrama et al., 2020). Já o controlo comportamental refere-se a práticas que pretendem regular o comportamento dos adolescentes, através do ensino de normas familiares e sociais, não de uma forma agressiva, mas sim com a intenção de lhes mostrar que existem regras que devem ser cumpridas (Symeou & Georgiou, 2017). Nesta ótica, é importante salientar que a supervisão parental e um controlo adequado das atitudes dos filhos é necessário, sendo que é, até, benéfico, no sentido em que previne o desenvolvimento de problemas emocionais e de comportamento (Ruiz-Hernández et al., 2019).

Mais uma vez, torna-se relevante o tema da parentalidade positiva. Estudos revelam que adolescentes que não têm a oportunidade de desenvolver ferramentas de regulação emocional através da parentalidade positiva, poderão desenvolver problemas de adaptação e de funcionalidade, relacionados com o rendimento académico, a saúde mental, problemas de comportamento e competências sociais (Ruiz-Hernández et al., 2019). De facto, práticas parentais positivas, caracterizadas por afeto, comunicação e

autonomia, estão associadas a uma menor prevalência de problemas de comportamento, principalmente na escola (Gorostiaga et al., 2019).

Autores como Martínez et al. (2013 citado por Ruiz-Hernández et al., 2019) defendem que qualquer tipo de parentalidade com recurso a punições e castigos – práticas parentais baseadas numa elevada tentativa de controlo e rejeição – tem um efeito negativo no desenvolvimento dos jovens, sendo que são as práticas parentais baseadas no afeto, no suporte emocional e na comunicação, que promovem um desenvolvimento adequado. Por outro lado, também baixos níveis de supervisão estão associados a um efeito negativo no desenvolvimento cognitivo e na criatividade dos filhos (Ruiz-Hernández et al., 2019). Além disso, estes jovens tendem a ser imaturos e rebeldes, a tomar decisões impulsivas, a desenvolver uma baixa autoestima e a ser mais dependentes de outros, principalmente de adultos (Shayesteh et al., 2014 citado por Ruiz-Hernández et al., 2019).

Assim, e tendo em conta toda a informação analisada, é possível perceber que a literatura aponta para uma forte associação entre as práticas parentais e o ajustamento psicossocial demonstrado pelos adolescentes. Torna-se, agora, relevante procurar explorar a perspetiva que os próprios pais e adolescentes têm sobre a relação entre as práticas parentais e os problemas de internalização e de externalização manifestados pelos jovens.

4.1. A Perspetiva dos Pais e dos Adolescentes

Estudos sobre parentalidade apoiam-se, frequentemente, no autorrelato de pais e adolescentes sobre diferentes aspetos da relação entre ambos, incluindo o conhecimento parental das atividades dos adolescentes e informação sobre a comunicação existente entre pais e filhos (Kapetanovic & Boson, 2022). Estes aspetos são elementos-chave da parentalidade e são protetores do ajustamento psicológico dos adolescentes (Keijsers et al., 2010 citado por Kapetanovic & Boson, 2022).

Contudo, a literatura revela que pais e filhos percebem a sua relação de forma diferente, no sentido em que os pais tendem a identificar as suas práticas parentais de uma forma mais positiva do que os seus filhos adolescentes (Kapetanovic & Boson, 2022). De facto, de uma forma geral, os pais apresentam uma perceção mais positiva acerca das suas práticas parentais e acerca do bem estar subjetivo dos seus filhos, o que,

por vezes, pode ser indicador de problemas na relação (Gaspar & Matos, 2017). Por exemplo, um adolescente que, de forma consistente, caracteriza uma das figuras parentais como menos afetuosa do que a própria figura parental se caracteriza a si, pode ser indicativo de que esta figura parental é menos afetuosa do que o adolescente gostava que fosse; de acordo com Hou et al. (2020), isto pode ser preditor de problemas de saúde mental nos adolescentes. O mesmo estudo revela, em concordância, que há uma tendência para os pais se considerarem mais afetuosos do que os adolescentes – tendo em conta que o afeto é uma prática parental desejável, acaba por fazer sentido que os pais se percecionam de uma forma mais positiva nesta dimensão.

Na mesma ótica, Maurizi et al. (2012) referem que pais têm maior tendência para se percecionarem a si próprios mais favoravelmente do que os seus filhos. Os autores acrescentam que a comunicação entre pais e adolescentes pode ser um fator chave na percepção das práticas parentais e que, muitas vezes, a discordância entre pais e filhos sobre a saúde mental dos adolescentes é mais elevada quando a sua relação é associada a uma vinculação insegura e, como consequência, associada a níveis mais elevados de problemas de internalização e externalização (Ehrlich et al., 2011 citado por Maurizi et al., 2012). Hou et al. (2020) acrescentam que quando a qualidade da relação entre pais e filhos é baixa, os adolescentes poderão demonstrar uma pior compreensão dos comportamentos apresentados pelos pais e, conseqüentemente, percecionam as práticas parentais de forma menos positiva dos que os seus pais.

Estudos recentes (Hou et al., 2020; Kapetanovic & Boson, 2022) oferecem duas explicações possíveis para estas discrepâncias. Por um lado, e sendo designada como uma hipótese adaptativa (Welsh et al., 1998 citado por Hou et al., 2020), as discrepâncias entre pais e adolescentes em relação à percepção das práticas parentais, como o controlo e a disciplina, podem estar relacionadas a uma parte normativa da adolescência, já que os jovens querem encontrar a autonomia e a independência e acabam por caracterizar o comportamento dos pais como demasiado controlador, sendo que, na maior parte das vezes, esse não é o caso – os pais vêm as suas ações de uma forma mais positiva, já que percebem que estão a investir tempo e estima na relação (Phinney et al., 2005 citado por Kapetanovic & Boson, 2022).

Por outro lado, uma outra explicação, designada como uma hipótese desadaptativa (Welsh et al., 1998 citado por Hou et al., 2020), é que estas discrepâncias podem ser associadas a uma interação desadequada entre pais e adolescentes, a uma vinculação

insegura e, principalmente, a problemas de internalização e de externalização (Maurizi et al., 2012; Nichols & Tanner-Smith, 2022; Kapetanovic & Boson, 2022). Quando a relação entre pais e filhos é conflituosa, os adolescentes podem demonstrar maiores dificuldades em perceber os comportamentos dos pais, e, de forma inversa, os pais podem interpretar de maneira errada os comportamentos dos filhos (Maurizi et al., 2012). Daí se tornar tão importante a promoção da comunicação aberta na relação (Maurizi et al., 2012; Gaspar & Matos, 2017).

Os estudos de autorrelato demonstram, ainda, que práticas parentais têm uma influência diferente em rapazes e raparigas – raparigas têm tendência a ser mais suscetíveis às práticas parentais apresentadas pela mãe, e rapazes mais suscetíveis às práticas parentais do pai (Gaspar & Matos, 2017). No que diz respeito às práticas em si, ações mais punitivas, caracterizadas por maiores níveis de rejeição, são mais utilizadas perante rapazes, e práticas associadas a maiores níveis de suporte emocional, afeto e responsividade são mais utilizadas com raparigas (Gaspar & Matos, 2017).

Além disso, percebe-se que raparigas tendem a estabelecer relações mais íntimas com os pais do que os rapazes, além de terem uma maior tendência a procurar mais ajuda e conforto emocional do que os rapazes (Gaspar & Matos, 2017). Isto pode justificar o facto de as raparigas tenderem a concordar mais com os pais nos testes de autorrelato sobre práticas parentais, do que os rapazes (Hou et al., 2020). Estas diferenças a nível do género estão em linha com estudos que sugerem que as raparigas desenvolvem, na adolescência, melhores capacidades de verem o mundo pela perspetiva dos outros, o que lhes permite perceber e apreciar melhor as práticas parentais do que os rapazes (Hou et al., 2020).

De acordo com Maurizi et al. (2012), níveis mais elevados de depressão e ansiedade nos adolescentes estão diretamente relacionados com relatos, por parte dos jovens, de práticas parentais de sobrecontrolo e punição excessiva. No entanto, no processo de revisão de literatura, esta foi das escassas investigações que nos mostravam dados empíricos que procuravam, realmente, associar as práticas parentais percecionadas com problemas de internalização e externalização nos adolescentes. De facto, pouco é conhecido sobre como o relato de adolescentes e pais sobre a percepção das práticas parentais estão associados à saúde mental e problemas de comportamento dos filhos, tanto em raparigas, como em rapazes (Kapetanovic & Boson, 2022).

Ademais, são ainda mais escassos os estudos que pretendem relacionar a percepção dos pais sobre práticas parentais com problemas de internalização e externalização nos seus filhos adolescentes. As investigações de autorrelato têm-se apoiado muito em informação dada pelos adolescentes, sendo notória a carência de estudos suportados pelo autorrelato dos pais. Neste sentido, salienta-se a importância da presente investigação que trará novos dados à comunidade científica sobre um tema que, apesar de já trabalhado, irá ser perspectivado de uma forma distinta.

2ª Parte: Estudo Empírico

1. Metodologia

A presente investigação centra-se num estudo retrospectivo e transversal, e recorre a uma metodologia correlacional e com carácter exploratório (Fortin, 2009), na qual se pretende estudar as relações entre variáveis. Tem por base uma metodologia mista, uma vez que são analisadas fontes de dados quantitativas e qualitativas para melhor compreensão do problema em estudo: a perceção dos pais sobre práticas parentais e a sua relação com os problemas de internalização e externalização nos filhos adolescentes.

De seguida, serão enunciados os objetivos (geral e específicos), questões de investigação e hipóteses que nortearam o estudo.

1.1. Objetivos de Investigação

1.1.1. Objetivo Geral

Para responder ao problema enunciado, o objetivo geral e principal do estudo é analisar a associação entre a perceção dos pais sobre as suas práticas parentais e os problemas de internalização e externalização nos filhos adolescentes.

1.1.2. Objetivos Específicos

- a) Verificar a associação entre práticas parentais e problemas de internalização nos adolescentes, na perceção dos pais.
- b) Verificar a associação entre práticas parentais e problemas de externalização nos adolescentes, na perceção dos pais.
- c) Comparar a manifestação de problemas de internalização e externalização nos adolescentes em função do sexo.
- d) Comparar a manifestação de problemas de internalização e externalização nos adolescentes em função da idade.

1.2. Questões de Investigação

- A. Qual a associação entre Suporte Emocional e a manifestação de problemas de internalização e externalização em adolescentes?
- B. Qual a associação entre Rejeição e a manifestação de problemas de internalização e externalização em adolescentes?
- C. Qual a associação entre Tentativa de Controlo e a manifestação de problemas de internalização e externalização em adolescentes?

D. Quais as diferenças entre rapazes e raparigas na manifestação de problemas de externalização e internalização?

E. Qual a associação ente os problemas de externalização e internalização e a idade?

1.3. Hipóteses de Investigação

H1. É esperado que uma elevada perceção de Suporte Emocional esteja associada a uma menor probabilidade de manifestação de problemas de internalização e externalização nos adolescentes.

H2. É esperado que uma elevada perceção de Rejeição esteja associada a uma maior probabilidade de manifestação de problemas de internalização e externalização nos adolescentes.

H3. É esperado que uma elevada perceção de Tentativa de Controlo esteja associada a uma maior probabilidade de manifestação de problemas de internalização e externalização nos adolescentes.

H4. É esperado que uma baixa perceção de Tentativa de Controlo esteja associada a uma maior probabilidade de manifestação de problemas de internalização e externalização nos adolescentes.

H5. É esperado que problemas de internalização sejam mais frequentes em adolescentes do sexo feminino.

H6. É esperado que problemas de externalização sejam mais frequentes em adolescentes do sexo masculino.

H7. É esperado que adolescentes mais velhos apresentem mais problemas de internalização e externalização.

2. Método

2.1. Amostra

Para inclusão na amostra, os participantes teriam idades entre os 11 e os 17 anos e estariam a viver com, pelo menos, um dos pais biológicos. Foram revistos 32 processos clínicos, pertencentes à Clínica Pedagógica de Psicologia da Universidade Fernando Pessoa, dos últimos 5 anos, que cumpriam estes critérios, mas alguns não continham resultados dos instrumentos de avaliação necessários para o estudo. Tratando-se de uma amostra clínica e, portanto, reduzida, apenas 18 processos foram considerados válidos e relevantes para o presente estudo.

Neste sentido, fazem parte da amostra 18 participantes, 13 (72.2%) do sexo feminino e 5 (27.8%) do sexo masculino. A idade dos participantes varia entre os 11 e os 17 anos, sendo a média de 14 anos ($M=13.89$, $DP=2.19$) – a maioria dos participantes encontram-se no 2º ciclo do Ensino Básico (44.4%). Estas informações encontram-se resumidas na tabela abaixo apresentada (Tabela 1).

Tabela 1.

Caracterização sociodemográfica dos adolescentes

Variável	<i>n</i>	%
Idade (Anos)	11	22.2%
	12	11.1%
	13	11.1%
	14	11.1%
	15	11.1%
	16	22.2%
	17	11.1%
	Total	18

Ciclo de Escolaridade	2º Ciclo Ens. Básico	8	44.4%
	3º Ciclo Ens. Básico	6	33.3%
	Ensino Secundário	4	22.2%
	Total	18	100%

No que diz respeito a outras variáveis de caracterização da amostra, nomeadamente, aquelas relacionadas com o agregado familiar, percebemos que 72.2% dos participantes vivem com ambos os pais, enquanto que 38.9% vivem apenas com o pai ou com a mãe, uma vez que estes se encontram divorciados ou separados (ver Tabela 2).

Tabela 2.

Variáveis do agregado familiar

Variável	<i>n</i>	%	
Agregado Familiar	Ambos os pais	11	61.1%
	Só pai ou mãe	7	38.9%
	Total	18	100%
Estado Civil dos Pais	Casal	11	61.1%
	Divorciados/Separados	6	33.3%
	Monoparental	1	5.6%
	Total	18	100%

Fazem parte da amostra 18 mães e 15 pais, sendo que a média de idades dos pais é de 48 anos (*Min*=36; *Máx*=56; *DP*= ±6.492), enquanto que a das mães é de 45 anos (*Min*=36; *Máx*=57; *DP*= ±5.539). No que toca às habilitações académicas, a maioria dos pais têm o ensino básico (33.3%), são atualmente pequenos empresários (44.5%), e a maioria das mães tem o ensino secundário (72.2%) tendo o mesmo tipo de profissão (44.4%) – estas informações estão reunidas na tabela 3, apresentada abaixo.

Tabela 3.*Variáveis de caracterização dos pais*

		<i>n</i> mães	%	<i>n</i> pais	%
Habilitações Académicas	Ensino Básico	1	5.6%	6	33.3%
	Ensino Secundário	13	72.2%	5	27.8%
	Licenciatura	3	16.7%	3	16.7%
	Mestrado	1	5.6%	1	5.6%
Profissão	Gestores, Empresários	5	27.8%	3	16.7%
	Quadros técnicos	3	16.7%	4	22.2%
	Pequenos empresários	8	44.4%	8	44.5%
	Desempregado	2	11.1%	0	0%

2.2. Instrumentos

De forma a responder às questões e hipóteses de investigação formuladas, foram construídos materiais e selecionados os instrumentos de avaliação mais adequados, a partir do Protocolo de Avaliação de Crianças e Adolescentes aplicado na Clínica Pedagógica, e dos questionários habitualmente administrados na faixa etária em questão (11 aos 17 anos). Esses instrumentos encontram-se apresentados abaixo.

2.2.1. Grelha de Variáveis

A grelha de variáveis (Anexo A), desenvolvida pela investigadora do presente estudo, visou a recolha da informação sociodemográfica dos participantes a partir dos processos clínicos dos participantes selecionados. A mesma é constituída pelas variáveis sexo, idade, ano de escolaridade e agregado familiar – neste sentido, foi, também, feito o levantamento de informação acerca dos pais, nomeadamente o estado civil, idade e situação familiar. Além disso, esta grelha permitiu, também, a identificação e agregação das variáveis em estudo (problemas de internalização, problemas de externalização e práticas parentais, cujos dados foram obtidos a partir dos instrumentos de avaliação

formal e de outros documentos com dados clínicos que fazem parte dos processos, a seguir descritos.

2.2.2. Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ): Versão Pais

O Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ – *Strengths & Difficulties Questionnaires*) foi desenvolvido, originalmente, por Goodman (1997), sendo, posteriormente, validado e adaptado para a população portuguesa por Fleitlich et al. (2005) e destina-se à avaliação psicológica de crianças e adolescentes¹.

Existem diferentes versões deste instrumento: SDQ-A (autorrelato para adolescentes com mais de 11 anos), SDQ-Pr (versão para professores para crianças dos 4 aos 17 anos) e SDQ-P (versão para pais para crianças dos 4 aos 17 anos) (Goodman, 1997). Na investigação em curso foi utilizada apenas a versão para os pais.

Este é um instrumento de identificação do risco de Perturbações Emocionais e de Comportamento, sendo que avalia três dimensões distintas: capacidades, dificuldades e, ainda, o designado suplemento de impacto, que procura avaliar a cronicidade, o sofrimento, o prejuízo social e a sobrecarga que tais sintomas implicam (Goodman, 1997). O instrumento é constituído por 25 itens, distribuídos por 5 subescalas: sintomas emocionais, problemas de comportamento, hiperatividade, problemas de relacionamento com os pares e comportamento pró-social, numa escala *likert* com 3 alternativas de resposta (0 = “não é verdade”; 1 = “é um pouco verdade”; 2 = “é muito verdade”) (Goodman, 1997).

Além disso, neste questionário podem ser determinadas duas dimensões de problemas, de grande relevância para a investigação em curso: problemas de internalização e problemas de externalização (Goodman et al., 2010). Estas dimensões foram, no âmbito do presente estudo, consideradas através do agrupamento de diferentes subescalas: os problemas de internalização foram obtidos a partir da soma das pontuações das subescalas “Problemas de Relação com os Pares” e “Sintomas Emocionais”, e os problemas de externalização resultaram da soma das pontuações das subescalas “Problemas de Comportamento” e “Hiperatividade/Desatenção”, tal como é indicado pelos autores originais (Goodman & Goodman, 2009). Neste sentido, e uma vez que as pontuações destas subescalas têm um máximo de 20 pontos, foi considerado como ponto

¹ Esta adaptação do instrumento está indicada no *website* “*Youth In Mind*” (www.sdqinfo.org), mas o acesso à mesma não está disponível.

de corte 10 pontos (pontuações acima de 10 pontos são consideradas *atípicas*, ou seja, assume-se a presença de problemas de externalização/internalização).

No que toca às qualidades psicométricas do SDQ-P, é pouca a evidência científica que respeita a população portuguesa; de acordo com Costa et al. (2019), os itens do questionário são bons indicadores de problemas de internalização e externalização, com um valor de fidelidade acima de 0.70 (0.716 e 0.772, respetivamente).

2.2.3. EMBU-P

O EMBU-P (*Egna Minnen Beträffande Uppfostran*), versão Pais, foi desenvolvido, originalmente, na Suécia por Perris et al. (1980), sendo, posteriormente, validado e adaptado para a população portuguesa por Canavarro e Pereira (2007). Este instrumento tem como objetivo avaliar as práticas parentais educativas pela perceção dos pais, e é constituído por 42 itens avaliados numa escala de *likert*, com quatro alternativas de resposta (1 = “não, nunca”; 2 = “sim, às vezes”; 3 = “sim, frequentemente”; 4 = “sim, sempre”) (Castro et al., 1997; Canavarro & Pereira, 2007).

O EMBU-P está dividido em três dimensões: Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo (Castro et al., 1997; Canavarro & Pereira, 2007). A dimensão Suporte Emocional consiste em 14 itens que traduzem a expressão verbal e física de suporte afetivo por parte dos pais, a aceitação parental e a sua disponibilidade física e psicológica (Castro et al., 1997; Canavarro & Pereira, 2007). Já a dimensão Rejeição é constituída por 17 itens que descrevem uma possível agressividade verbal e física e a não aceitação do adolescente (Castro et al., 1997; Canavarro & Pereira, 2007). Por último, a dimensão Tentativa de Controlo consiste em 11 itens que procuram avaliar intenções e ações dos pais que visam controlar o comportamento das crianças, e manifestações de exigência excessiva em relação aos filhos (Canavarro & Pereira, 2007).

Na tabela abaixo (Tabela 4) encontram-se apresentadas as pontuações médias das diferentes dimensões do EMBU-P, tanto para as mães como para os pais (Canavarro & Pereira, 2007):

Tabela 4.

Pontuações médias das diferentes escalas do EMBU-P (mães, pais) (Canavarro & Pereira, 2007)

Dimensões EMBU-P	Mães <i>M</i>	Pais <i>M</i>
Suporte Emocional	47.05	44.56
Rejeição	27.52	26.98
Tentativa de Controlo	29.87	28.1

No que concerne às qualidades psicométricas do EMBU-P, o instrumento apresenta uma elevada consistência interna, com um coeficiente do *alpha* de *Cronbach* acima de 0.70 em todas as escalas: suporte emocional (0.80 para mães e 0.82 para pais), rejeição (0.74 para mães e 0.78 para pais) e tentativa de controlo (0.71 para mães e 0.73 para pais) (Canavarro & Pereira, 2007).

2.2.4. Ficha de Triagem

A Ficha de Triagem faz parte do Protocolo de Avaliação Psicológica de Crianças e Adolescentes da clínica, tendo sido elaborada pelas coordenadoras do eixo clínico-pedagógico da clínica, em conjunto com os psicólogos residentes. Estas fichas foram consultadas, no âmbito desta investigação, com o intuito de obter informação sociodemográfica complementar.

A ficha de triagem é aplicada num primeiro contacto com o adolescente e com os seus pais ou representantes legais, através de uma entrevista semiestruturada que tem como objetivo recolher informação inicial sobre o adolescente e sobre o motivo da procura de apoio psicológico. Esta ficha é constituída por 57 perguntas, divididas em 5 dimensões: identificação do adolescente, filiação, situação escolar, situação familiar, pedido de consulta, e antecedentes pessoais e familiares.

2.2.5. Ficha de Anamnese

A ficha de anamnese é, também, aplicada através de uma entrevista clínica semiestruturada, na sessão após triagem, na qual estão presentes apenas os pais ou

representantes legais do adolescente, e tem como objetivo recolher informação sobre a história desenvolvimental do cliente. Desta entrevista fazem parte 11 dimensões distintas: identificação do adolescente, agregado familiar, antecedentes pré-natais e neonatais, história do desenvolvimento biopsicossocial (por exemplo, alimentação, sono, psicomotricidade, linguagem), comportamento socio-afetivo, escolaridade, estado de saúde atual, outras informações (por exemplo, atividades educativas), preocupação atual, outras questões (aspectos não contemplados nas questões anteriores) e observações finais (por exemplo, possíveis documentos médicos a anexar).

No âmbito do presente estudo, foi dada especial atenção à dimensão referente a informações relativas às *atividades educativas*. Estas informações englobam a relação entre pais e adolescentes, o tempo que passam juntos e atividades que realizam em conjunto. Além disso, faz parte desta dimensão a possível utilização de recompensas e castigos por parte dos pais aos seus filhos e também a percepção que eles têm sobre as características (positivas e negativas) dos mesmos. Por último, este ponto da anamnese foca, ainda, a forma como os pais gerem as atividades educativas, nomeadamente, se existe acordo sobre as mesmas e, se não, como é que este desacordo é gerido.

Neste sentido, e considerando que esta dimensão da ficha de anamnese fornece informação qualitativa relevante e complementar aos resultados dos instrumentos de avaliação formal, a investigadora responsável optou por categorizar cada uma destas perguntas de resposta aberta, de forma a poder quantificá-las e incluí-las na base de dados como variáveis a serem utilizadas. Estas categorias poderão ser encontradas na tabela 5. No âmbito da pesquisa foram recolhidos mais dados além dos que são apresentados na tabela, contudo, posteriormente, estes não se mostraram relevantes para o estudo em causa – nesse sentido, essas categorias foram colocadas em anexo (Anexo B). É de ressaltar que a coluna “Unidade de Análise” tem como objetivo ilustrar algumas das respostas, ou expressões, que foram dadas no âmbito daquela categoria e o porquê de ter sido atribuída determinada subcategoria. Por exemplo, sobre a categoria “Tempo com Adolescente”, a escolha pela subcategoria “Um período do dia” advém de respostas como “Depois da escola” ou “Às refeições”. Acrescenta-se, ainda, que não existem expressões atribuídas a determinadas subcategorias, uma vez que estas últimas acabam por subentender a resposta dada.

Tabela 5.

Categorias da Anamnese relativas a atividades educativas

Categoria	Rótulo	Subcategorias	Unidade de Análise
Principal cuidador	Quem se ocupa mais tempo da criança	1. Mãe	
		2. Pai	
		3. Ambos	
		4. Outro	
Tempo Com Adolescente	Quanto tempo passa por dia com os pais	1. Um período do dia	Ex: “Depois da escola”; “Às refeições”
		2. O dia todo	
		3. Fins-de-semana	
Atividades Conjuntas	Atividades que fazem em família	1. Passear	
		2. Refeições	
		3. Apoio ao estudo	Ex: “Ajudar a fazer trabalhos de casa”
		4. Nada	
		5. Outra	Ex: “Ir ao cinema”; “Ir às compras”

2.3. Procedimentos

Como referido anteriormente, este estudo está inserido na linha de investigação “Os Nós e os Laços: Risco Parental e Problemas de Internalização e Externalização em Crianças e Adolescentes” (Marinho et al., 2018), a decorrer na Clínica Pedagógica de Psicologia da Universidade Fernando Pessoa, que obteve, previamente, parecer favorável da Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa. Na mesma ótica, para

cumprimento do Princípio da Confidencialidade (Regulamento nº637/2021 da Ordem dos Psicólogos Portugueses, 2021), também o consentimento informado dos pais ou responsáveis legais e dos adolescentes, sobre a utilização de dados de forma anónima de dados para fins de investigação, foi concedido, anteriormente, aquando do início das consultas de psicologia na clínica (Anexo C). Cumpridos estes pré-requisitos éticos e deontológicos, deu-se início à investigação.

Em primeiro lugar, foi feita a revisão de literatura com o objetivo de conhecer o estado da arte sobre o tema em estudo, direcionada para o papel das práticas parentais no desenvolvimento de problemas de internalização e externalização nos filhos adolescentes. Nesta etapa tornou-se importante conhecer aprofundadamente o Protocolo de Avaliação de Crianças e Adolescentes aplicado na Clínica Pedagógica, nomeadamente as fichas de Triagem e de Anamnese e os instrumentos relevantes para a investigação em causa: SDQ (Versão Pais) (Fleitlich et al., 2005) e EMBU-P (Canavarro & Pereira, 2007). Todas estas informações encontravam-se numa base de dados no programa IBM-SPSS Statistics (*Statistical Package for Social Sciences* – versão 29), à qual foi permitido o acesso e utilização após a obtenção de autorização junto da Direção da Clínica Pedagógica de Psicologia da Universidade Fernando Pessoa (Anexo D), para fins desta investigação.

Após a concessão do acesso aos processos clínicos e à respetiva base de dados, foi iniciada uma análise exploratória dos dados. Esta análise implicou a seleção das variáveis relevantes para a investigação, tendo em conta os objetivos previamente estabelecidos para o estudo, bem como os critérios de inclusão definidos para a amostra – esta seleção e agregação de variáveis foi concretizada através da construção de uma Grelha de Variáveis. A partir desta seleção foi, ainda, construída pela investigadora uma nova base de dados, também no programa IBM-SPSS Statistics (*Statistical Package for Social Sciences* – versão 29), com as variáveis escolhidas.

Na primeira fase, após a identificação das variáveis pertinentes, procedeu-se à caracterização da amostra e dos instrumentos utilizados através da aplicação de métodos de estatística descritiva. Este passo inicial teve como objetivo, não só, descrever a amostra, mas também fornecer uma visão geral dos dados recolhidos.

Seguindo a etapa descritiva, avançou-se para a análise estatística inferencial, utilizando testes não paramétricos (atendendo à reduzida dimensão da amostra e à tipologia das

variáveis), com o objetivo de verificar possíveis relações entre as variáveis em estudo, conforme as questões e hipóteses propostas. Para investigar a associação entre as práticas parentais e os problemas de internalização e externalização, foi aplicado o teste de Correlação de *Spearman* (r_s) devido à violação do pressuposto de normalidade (Pestana & Gageiro, 2008). Da mesma forma, este teste foi utilizado, também, para examinar a relação entre a idade e os problemas de internalização e externalização.

Já para avaliar a associação entre o sexo e os problemas de internalização e externalização, recorreu-se ao teste de Qui-quadrado (X^2). Este teste é apropriado para analisar a relação entre uma variável nominal e uma variável ordinal, gerando uma tabela de contingência que cruza as duas variáveis de interesse, permitindo averiguar a existência de associação entre elas (Pestana & Gageiro, 2008).

3. Resultados

3.1. Análise Descritiva

No total da amostra ($n=18$), foram considerados válidos 11 questionários do EMBU-P: 8 preenchidos pelas mães (9 omissos) e 3 preenchidos pelos pais (15 omissos). Para analisar os dados relativos à perceção dos pais das práticas parentais, foi feita a análise descritiva dos valores relativos à dispersão dos resultados das dimensões do EMBU-P, como pode ser observado na tabela 6.

Tabela 6.

Valores de dispersão dos resultados por dimensão do EMBU-P (mãe, pai)

		<i>n</i>	Min.	Máx.	<i>M (DP)</i>	Omissos
Mãe	Suporte Emocional		37	55	47.63 (± 6.545)	
	Rejeição	8	18	32	26.38 (± 4.373)	9
	Tentativa Controlo		19	32	27 (± 4.342)	
Pai	Suporte Emocional		39	42	41 (± 1.732)	
	Rejeição	3	26	28	27 (± 1)	15
	Tentativa Controlo		23	27	25.33 (± 2.082)	

Na tabela a seguir apresentada (Tabela 7), é feita a comparação entre os valores da adaptação portuguesa do EMBU-P (Canavarro & Pereira, 2007) e os obtidos na presente amostra.

Tabela 7.

Pontuações médias das diferentes escalas do EMBU-P (comparação entre a média da população portuguesa e a média da amostra)

Escalas EMBU-P	Mães (Pop. Portuguesa) <i>M</i>	Mães (Amostra) <i>M</i>	Pais (Pop. Portuguesa) <i>M</i>	Pais (Amostra) <i>M</i>
Suporte Emocional	47.05	47.63	44.56	41
Rejeição	27.52	26.38	26.98	27
Tentativa de Controlo	29.87	27	28.1	25.33

É perceptível que, no que toca à dimensão do Suporte Emocional, a média das mães da amostra se encontra acima, ainda que muito próxima, daquela que é a média da população portuguesa; no que diz respeito aos pais, verifica-se o contrário: a média da amostra é inferior à média da população portuguesa. No que diz respeito à dimensão da Rejeição, a média das mães da amostra encontra-se abaixo da média da população portuguesa, enquanto que a média dos pais da amostra se encontra acima – ainda que muito próximo. Por último, em relação à dimensão Tentativa de Controlo, tanto para as mães, como para os pais, a média da amostra encontra-se abaixo da média da população portuguesa, ainda que esta diferença seja mais notória no caso dos pais.

Pode-se concluir que, de modo geral, as mães da amostra percecionam as suas atitudes parentais com níveis moderados de Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo. Em relação aos pais, os resultados são semelhantes.

De seguida, procedeu-se à análise prévia da distribuição dos resultados do EMBU-P para o qual foi aplicado o teste de *Shapiro-Wilks* (Tabela 8). A análise da distribuição das variáveis em estudo na amostra permitiu concluir que apenas a dimensão “Suporte Emocional” para o pai não cumpre o pressuposto da distribuição normal, uma vez que $p < 0.001$. Nas restantes dimensões, os valores não são estatisticamente significativos, pelo que é assumida a distribuição normal dessas variáveis.

Tabela 8.*Valores do teste de normalidade do EMBU-P (Teste de Shapiro-Wilks)*

		Estatística	<i>n</i>	Sig.
Mãe	Suporte Emocional	0.902	8	0.303
	Rejeição	0.944	8	0.655
	Tentativa Controlo	0.919	8	0.419
Pai	Suporte Emocional	0.750	3	<0.001*
	Rejeição	1.000	3	1.000
	Tentativa Controlo	0.923	3	0.463

**p* significativo a .001

Em relação ao Questionário SDQ-P, no total dos participantes ($n=18$), foram considerados válidos 25 questionários: 16 preenchidos pelas mães (2 omissos) e 9 preenchidos pelos pais (9 omissos). Para analisar os dados relativos à percepção dos pais sobre os problemas de externalização e internalização nos adolescentes, foi feita a análise descritiva das dimensões consideradas no SDQ-P, como pode ser observado na tabela 9. De lembrar que estas dimensões foram consideradas através do agrupamento de diferentes subescalas: os problemas de internalização foram obtidos a partir da soma das pontuações das subescalas “Problemas de Relação com os Pares” e “Sintomas Emocionais”, e os problemas de externalização resultaram da soma das pontuações das subescalas “Problemas de Comportamento” e “Hiperatividade/Desatenção” (Goodman & Goodman, 2009). Neste sentido, e uma vez que as pontuações destas subescalas têm um máximo de 20 pontos, foi considerado como ponto de corte 10 pontos (pontuações acima de 10 pontos são consideradas *atípicas*, ou seja, assume-se a presença de problemas de externalização/internalização).

Tabela 9.*Frequências dos problemas de externalização e internalização do SDQ-P*

	Internalização						Externalização					
	Normativo		Atípico		Omissos		Normativo		Atípico		Omissos	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Mãe	10	55.6	6	33.3	2	11.1	10	55.6	6	33.3	2	11.1
Pai	6	33.3	3	16.7	9	50.0	6	33.3	3	16.7	9	50.0

Por fim, no que diz respeito aos dados da anamnese, no total da amostra ($n=18$), foram consideradas válidas 12 fichas de anamnese que continham a informação necessária para o presente estudo. Foi feita a análise descritiva dos resultados obtidos, como pode ser observado na tabela abaixo apresentada (Tabela 10), tendo sido dada maior atenção àquelas que foram as respostas mais frequentes (M_o).

Tabela 10.*Respostas mais frequentes dos indicadores da anamnese*

	<i>n</i>	Omissos	M_o
Quem se ocupa mais tempo do adolescente	12	6	Mãe
Quanto tempo passam juntos por dia	12	6	Um período do dia
Atividades que fazem juntos	12	6	Passear; Nada

Como é perceptível na tabela abaixo (Tabela 11), é possível relacionar algumas destas dimensões com uma das escalas do EMBU-P: o Suporte Emocional.

Tabela 11.*Suporte Emocional e indicadores da anamnese*

Indicadores da Anamnese	Respostas	
Quem se ocupa mais tempo do adolescente	“Mãe” (apenas um dos progenitores)	Baixo Suporte Emocional
Quanto tempo passam juntos por dia	“Um período do dia”	
Atividades que fazem juntos	“Nada”	

De facto, ao olharmos, por exemplo, para o último indicador apresentado, “Atividades que fazem juntos”, é perceptível que a existência de respostas como “Nada” podem ser figurativas de atitudes educativas caracterizadas por um baixo suporte emocional. Além disso, percebemos que a resposta mais frequente ao tempo passado em conjunto com o adolescente é aquela que representa uma menor quantidade de tempo (“Um período do dia”). Por último, percebemos, ainda, que, de forma geral, os adolescentes passam mais tempo com apenas um dos progenitores, e não com ambos – isto também pode ser indicador de um menor suporte emocional.

3.2. Análise Inferencial

3.2.1. Associação entre Práticas Parentais e Problemas de Internalização e Externalização

Com o intuito de analisar a relação entre a perceção das práticas parentais, em relação ao pai e à mãe, e a manifestação de problemas de internalização e externalização na amostra global de adolescentes, recorreu-se ao teste de Correlação de *Spearman*, uma vez que nem todas as variáveis seguem a distribuição normal. Os resultados encontram-se apresentados na tabela abaixo (Tabela 12) e serão descritos, de forma sequencial e de acordo com as hipóteses de investigação elaboradas.

Tabela 12.*Associação entre práticas parentais e problemas de internalização e externalização*

		EMBU Mãe			EMBU Pai		
		SE	R	TC	SE	R	TC
SDQ_INT	Cor.	.436	.331	.718*	.500	-.866	.000
	Sig.	.280	.423	.045	.667	.333	1.000
	<i>n</i>	8	8	8	3	3	3
SDQ_EXT	Cor.	.546	.442	.387	1.000**	.000	.866
	Sig.	.162	.273	.344		1.000	.333
	<i>n</i>	8	8	8	3	3	3

Legenda: INT – Internalização; EXT – Externalização; SE – Suporte Emocional; R – Rejeição; TC – Tentativa de Controlo

*A correlação é significativa no nível .05 (2 extremidades).

**A correlação é significativa no nível .01 (2 extremidades).

H1: É esperado que uma elevada percepção de Suporte Emocional esteja associada a uma menor probabilidade de manifestação de problemas de internalização e externalização nos adolescentes.

Verifica-se que existe uma associação positiva entre a dimensão Suporte Emocional e os problemas de internalização e externalização no que diz respeito às mães ($r_s = .436$, $p = .280$; $r_s = .546$, $p = .162$). Nos pais, existe, também, uma associação positiva com os problemas de internalização ($r_s = .500$, $p = .667$). No entanto, estas correlações não são estatisticamente significativas, uma vez que $p > .05$. Em relação à associação entre o Suporte Emocional nos pais e os problemas de externalização, verifica-se que esta é muito forte e estatisticamente significativa ($r_s = 1.000$, $p < 0.01$). Estes resultados revelam que uma elevada percepção de Suporte Emocional parece estar associada a uma maior percepção de problemas de internalização e externalização nos filhos.

Questão de Investigação A: Qual a associação entre Suporte Emocional e a manifestação de problemas de internalização e externalização em adolescentes?

Como referido anteriormente, foram recolhidos dados qualitativos das entrevistas de anamnese dos participantes da amostra com o objetivo de complementar os resultados obtidos pelas respostas ao questionário EMBU-P, relacionando a dimensão Suporte Emocional com alguns dos indicadores da anamnese (Tabela 13). Sendo assim, analisando os resultados, procurámos associar estes indicadores aos problemas de internalização e externalização.

Pela análise qualitativa dos dados dos processos, é perceptível que no indicador “Atividades que fazem juntos”, as respostas assinaladas como “Nada” (figurativas de menor Suporte Emocional) correspondem a pais de adolescentes com maiores problemas de externalização e internalização, enquanto que respostas como “Passear” correspondem a menos pais de adolescentes com os mesmos problemas. Na mesma ótica, adolescentes que passam a maior parte do tempo com “ambos os pais” revelam menos problemas de externalização e internalização segundo os seus pais, quando comparados com aqueles que passam mais tempo com apenas um dos progenitores.

H2: É esperado que uma elevada perceção de Rejeição esteja associada a uma maior probabilidade de manifestação de problemas de internalização e externalização nos adolescentes.

A dimensão Rejeição está, também, associada positivamente com os problemas de internalização e externalização nas mães ($r_s = .331, p = .423$; $r = .442, p = .273$), o que significa que uma maior perceção de Rejeição parece estar relacionada com mais problemas de internalização e externalização, contudo, estas relações não são estatisticamente significativas ($p > .05$). Por outro lado, nos pais, há uma associação inversa com a internalização ($r_s = -.866, p = .333$), o que pode significar que níveis mais elevados de perceção de Rejeição estão associados a menos problemas de internalização. Já na externalização, não se verificou nenhuma associação ($r_s = .000, p = 1.000$) entre as variáveis. Mais uma vez, estas relações não são estatisticamente significativas, uma vez que $p > 0.05$.

H3: É esperado que uma elevada perceção de Tentativa de Controlo esteja associada a uma maior probabilidade de manifestação de problemas de internalização e externalização nos adolescentes.

H4: É esperado que uma baixa percepção de Tentativa de Controlo esteja associada a uma maior probabilidade de manifestação de problemas de internalização e externalização nos adolescentes.

A dimensão Tentativa de Controlo está relacionada positivamente com os problemas de internalização e externalização nas mães ($r_s = .718, p = .045$; $r_s = .387, p = .344$) – estas associações não são estatisticamente significativas ($p > .05$), à exceção daquela entre a Tentativa de Controlo e a internalização ($p < .05$). Isto indica que uma maior percepção de Tentativa de Controlo parece estar associada a maiores problemas de internalização e externalização. No que diz respeito aos pais, existe uma associação positiva, ainda que não estatisticamente significativa, entre a Tentativa de Controlo e a externalização ($r_s = .866, p = .333$), mas em relação à internalização não se verificou nenhuma associação ($r_s = .000, p = 1.000$).

3.2.2. Diferenças entre Rapazes e Raparigas na Manifestação de Problemas de Internalização e Externalização

H5: É esperado que problemas de internalização sejam mais frequentes em adolescentes do sexo feminino.

H6: É esperado que problemas de externalização sejam mais frequentes em adolescentes do sexo masculino.

De forma a analisar as diferenças entre rapazes e raparigas, recorreu-se ao teste do Qui-quadrado. Os resultados encontram-se apresentados na tabela abaixo (Tabela 13).

Tabela 13.

Diferenças entre rapazes e raparigas na manifestação de problemas de externalização e internalização

		Internalização		Externalização	
		Mães	Pais	Mães	Pais
Sexo Masculino	Contagem	3	2	1	1
	Esperado	1.9	1	1.9	1
	%	60%	66.7%	20%	33.3%

	Contagem	3	1	5	2
Sexo Feminino	Esperado	4.1	2	4.1	2
	%	27.3%	16.7%	45.5%	33.3%

Através da análise da tabela, encontra-se uma maior frequência de problemas de internalização em adolescentes do sexo masculino (60% na percepção das mães e 66.7% na dos pais), enquanto que os problemas de externalização verificam-se mais frequentemente no sexo feminino (45.5% na percepção das mães e 33.3% na dos pais).

No entanto, é importante salientar que o teste de Qui-quadrado apenas fornece resultados fiáveis se a percentagem de células da tabela de contingência não for superior a 20%. Neste caso, tal aconteceu, pelo que a forma de ajustar os resultados face à violação deste pressuposto é ler o resultado na linha do Teste Exato de *Fisher* (Anexo E). Ainda assim, os resultados demonstram não existirem resultados estatisticamente significativos entre o sexo e a internalização e externalização (nem nas mães, nem nos pais), uma vez que em todos eles $p > .05$.

3.2.3. Associação entre a Idade e Problemas de Internalização e Externalização

H7: É esperado que adolescentes mais velhos apresentem mais problemas de internalização e externalização.

Com o objetivo de analisar a associação entre a idade dos adolescentes e os problemas de internalização e externalização, recorreu-se ao teste de Correlação de *Spearman*. Os resultados encontram-se apresentados na tabela 14.

Tabela 14.

Associação entre idade e problemas de internalização e externalização

		Cor	Sig.	<i>n</i>
Idade x Internalização	Mãe	-.085	.753	16
	Pai	.233	.546	9

Idade x Externalização	Mãe	-.014	.958	16
	Pai	-.233	.546	9

Através da análise da tabela podemos perceber que existe uma relação positiva entre a idade e os problemas de internalização no que diz respeito aos pais ($r_s = .233, p = .546$) – estes resultados revelam que adolescentes mais velhos parecem apresentar mais problemas de internalização, na perspectiva dos pais. Ainda sobre a dimensão da internalização, existe uma associação inversa com a idade no caso das mães ($r_s = -.085, p = .743$), o que pode significar que quanto mais velhos são os adolescentes, menos problemas de internalização apresentam, de acordo com a percepção das mães.

Na dimensão de externalização, todas as associações são inversas, tanto nas mães ($r_s = -.014, p = .958$) como nos pais ($r_s = -.233, p = .546$). Estes resultados parecem indicar que a percepção de problemas de externalização pelos progenitores pode não ser tão frequente em adolescentes mais velhos.

4. Discussão de Resultados

Neste capítulo será apresentada uma síntese e análise crítica dos resultados obtidos, tendo por base a informação recolhida anteriormente, na revisão da literatura. Esta discussão será focada naquelas que foram as hipóteses e questões de investigação formuladas.

Olhando, em primeiro lugar, para a relação entre as práticas parentais e os problemas de internalização e externalização, a literatura aponta para que uma elevada perceção de Suporte Emocional esteja associada a uma menor probabilidade de manifestação deste tipo de problemas nos adolescentes (H1). De facto, os estudos indicam que ambientes familiares recheados de manifestações de afeto e compreensão diminuem o risco de desenvolvimento de problemas emocionais e de comportamento nos adolescentes (Morris et al., 2017). Isto porque práticas baseadas no suporte emocional e na comunicação providenciam efeitos claramente positivos na adaptação dos filhos, ao promover a resiliência, a autoestima e um melhor ajustamento psicológico (Mbua & Adigeb, 2015).

Verifica-se, através da análise dos resultados quantitativos obtidos no presente estudo, que os mesmos não corroboram esta afirmação, uma vez que tanto em relação às mães, como aos pais, foi encontrada uma associação positiva entre as variáveis: uma elevada perceção de Suporte Emocional parece estar associada a uma maior perceção de problemas de internalização e externalização. Estes resultados podem ser explicados pelo facto de, na presente investigação, estarmos perante uma amostra clínica muito reduzida, longe daquilo que seria uma amostra normativa utilizada nos restantes estudos. Por outro lado, pela análise qualitativa dos dados, é perceptível que indicadores de um menor Suporte Emocional (reduzido tempo passado com o adolescente, poucas atividades realizadas em conjunto, apenas um dos progenitores estar mais presente) são comuns em pais de adolescentes com mais problemas de externalização e internalização, pelo que estes resultados corroboram a literatura – isto pode acontecer uma vez que esta análise qualitativa procurou compreender, em profundidade, as dinâmicas da relação parental, colmatando a ausência de resultados quantitativos acerca das práticas parentais. De facto, de acordo com Bjorklund et al. (2022), é necessária a interação social entre pais e filhos para um desenvolvimento adequado dos mesmos, pelo que poucas atividades realizadas em conjunto podem resultar em maiores problemas emocionais e

de comportamento. Além disso, os mesmos autores acrescentam que as práticas parentais têm, também, a função de satisfazer necessidades de afeto e segurança nos adolescentes, pelo que se estes fatores estiverem presentes nas atividades educativas, haverá uma menor probabilidade de manifestação de problemas nos filhos adolescentes.

No que diz respeito à dimensão Rejeição, a literatura defende que ambientes familiares caracterizados por este tipo de práticas parentais estão associados a uma maior probabilidade de manifestação de problemas de internalização e externalização nos seus filhos adolescentes (H2) (Benetti et al., 2010; Georgiou & Symeou, 2018). A verdade é que práticas baseadas na rejeição podem gerar nos filhos uma maior tendência de internalização de sintomas e maiores níveis de ansiedade e depressão, devido à falta de confiança criada na relação (Cardoso & Veríssimo, 2013)

Através da análise dos resultados do estudo realizado, verifica-se que, para esta amostra, tal afirmação é corroborada, no caso das mães. De facto, a dimensão Rejeição está associada positivamente com os problemas de internalização e externalização no grupo das mães, o que significa que uma maior percepção de Rejeição parece estar relacionada com mais problemas de internalização e externalização nos adolescentes. No caso dos pais, não se verifica qualquer associação entre a Rejeição e os problemas de externalização. Contudo, na internalização, verifica-se uma associação inversa, o que pode significar que níveis mais elevados de percepção de Rejeição estão associados a menos problemas de internalização – tais resultados não vão ao encontro dos estudos, mas podem ser explicados pelo número muito reduzido de pais na amostra.

Em relação à dimensão Tentativa de Controlo, a literatura sugere que um controlo excessivo do comportamento dos filhos está associado a maiores problemas de externalização, uma vez que o aspeto controlador acaba por levar a que os filhos se aliem a pessoas com comportamentos desviantes, seja na escola ou noutras atividades (por exemplo, abuso de substâncias) com o objetivo de se rebelarem contra a exigência dos pais (Berge et al., 2015) (H3). O mesmo acontece com baixos níveis de controlo, já que a falta de regras despoleta a impulsividade e a agressividade (Anake & Ada, 2015) (H4). Problemas de internalização podem, também, surgir já que a ausência de responsividade por parte das figuras parentais pode despoletar o desenvolvimento de uma autoestima baixa nos adolescentes (Mbua & Adigeb, 2015). Assim, é importante a existência de um controlo moderado das atitudes dos filhos, sendo que é, até, benéfico, no sentido em que

previne o desenvolvimento de problemas emocionais e de comportamento (Ruiz-Hernández et al., 2019).

Os resultados encontrados, em relação ao grupo das mães, corroboram a literatura, uma vez que uma maior percepção de Tentativa de Controlo parece estar associada a maiores problemas de internalização e externalização nos seus filhos – podemos estar aqui perante um controlo psicológico, associado a práticas parentais de manipulação cognitiva e emocional, criticismo excessivo, e falta de responsividade às necessidades emocionais dos filhos (Fuentes-Balderrama et al., 2020). No que diz respeito aos pais, os resultados para a externalização são semelhantes aos das mães, mas em relação à internalização não se verifica nenhuma associação, isto é, níveis baixos de Tentativa de Controlo não parecem estar relacionados com problemas de internalização nos adolescentes – podemos estar aqui perante um tipo de controlo comportamental, que se refere a práticas que pretendem regular o comportamento dos adolescentes, através do ensino de normas familiares e sociais, não de uma forma agressiva, mas sim com a intenção de lhes mostrar que existem regras que devem ser cumpridas (Symeou & Georgiou, 2017).

Passando agora para as diferenças entre rapazes e raparigas na manifestação de problemas de internalização e externalização, a literatura refere que os problemas emocionais são mais frequentes em raparigas (H5) e os problemas de comportamento são mais frequentes em rapazes (H6) (Parco & Jó, 2015; Kapetanovic & Boson, 2022). Os resultados obtidos da amostra vão em sentido contrário; de facto, parece haver uma maior frequência de problemas de internalização em adolescentes do sexo masculino, enquanto que os problemas de externalização são mais frequentes no sexo feminino.

Ainda que podendo justificar estas discrepâncias com o número reduzido de participantes, é possível, também, analisar estes resultados à luz da Teoria de Desenvolvimento de Erikson (Erikson, 1976) e dos respetivos estádios de desenvolvimento que dela fazem parte. Como visto anteriormente, o quinto estádio é atravessado por uma crise psicossocial relacionada com a construção da identidade, um estádio crucial no qual os adolescentes desenvolvem um senso de identidade e começam a ter consciência da sua singularidade (Erikson, 1976). A verdade é que a adolescência é uma etapa muito desafiante no ciclo vital de um indivíduo, uma vez que é um período marcado por diversas mudanças e transições, que envolvem alterações a nível físico, cognitivo e psicossocial (Papalia et al., 2001). Neste sentido, por vezes a resolução desta

crise psicossocial pode não ser feita de forma tão adequada. Por exemplo, se se suceder o caso dos rapazes que compõem a amostra demonstrarem dificuldades na formação de uma identidade coesa, os mesmos podem acabar por internalizar essa situação, manifestando problemas emocionais, como sintomas depressivos e ansiosos (Woolfolk & Perry, 2014); na mesma ótica, se as participantes do sexo feminino enfrentarem, por exemplo, pressões sociais específicas nesta fase da vida, tal pode resultar em conflitos de identidade que se expressam através comportamentos externalizantes, como rebeldia ou comportamento antissocial (Woolfolk & Perry, 2014).

Por último, no que diz respeito à associação entre a idade dos adolescentes e a manifestação de problemas de internalização e externalização, a teoria relata que estes tipos de problemas são mais comuns em idades mais tardias (H7) – de acordo com Georgiou e Symeou (2018), são as idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos que são mais afetadas por sintomas de internalização, sendo que Đurišić e Gajić (2016) referem dados semelhantes em relação aos sintomas de externalização.

Verifica-se, neste estudo, que existe uma associação positiva entre a idade e os problemas de internalização no que diz respeito aos pais – estes resultados revelam que adolescentes com uma idade mais avançada parecem apresentar mais problemas de internalização, na perspetiva dos pais, o que corrobora os achados na literatura.

Contudo, em relação às mães, verifica-se o contrário (associação inversa): os resultados parecem significar que quanto mais novos são os adolescentes, mais problemas de internalização apresentam, de acordo com a percepção das mães. Também na externalização, os resultados são, novamente, opostos àqueles apoiados pela teoria: tanto para as mães, como para os pais, verifica-se que os problemas de comportamento são mais frequentes em adolescentes mais novos. Torna-se importante reforçar que a maioria dos participantes se encontra no 2º ciclo de escolaridade, uma etapa da adolescência bastante desafiante devido às discrepâncias existentes em relação ao ensino primário: possível mudança de escola, de turma (e, portanto, novos colegas), novos professores e contacto com alunos mais velhos. Estes fatores podem causar alguma desorientação na vida dos adolescentes mais novos que pode ser expressa através de problemas de internalização e externalização (Nunes et al., 2015; Dahl et al., 2018).

Conclusão

Este estudo teve como objetivo analisar a relação entre a percepção dos pais das suas práticas parentais e a relação com a manifestação de problemas de internalização e externalização nos seus filhos adolescentes. Para isto, foi analisada a associação entre dimensões do EMBU-P (Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo) e as dimensões de internalização e externalização do SDQ (Versão Pais). Todos os objetivos delineados para a investigação foram atingidos, contudo, a análise dos resultados, à luz da literatura existente, revelou algumas discrepâncias e especificidades.

A título de exemplo, verificou-se que uma maior percepção de Suporte Emocional parece estar associada a uma maior probabilidade de manifestação de problemas emocionais e de comportamento nos adolescentes; além disso, os resultados encontrados demonstraram que, no caso dos pais, níveis mais elevados de percepção de Rejeição estão associados a menos problemas de internalização nos adolescentes – estes resultados não corroboram a literatura. No que toca à Tentativa de Controlo, em relação ao grupo das mães, os resultados corroboram os estudos, uma vez que uma maior percepção de Tentativa de Controlo parece estar associada a maiores problemas de internalização e externalização nos seus filhos, mas o mesmo não aconteceu com o grupo dos pais.

Em relação aos restantes objetivos, nomeadamente no que diz respeito às diferenças entre rapazes e raparigas na manifestação de problemas de internalização e externalização, os resultados demonstraram que problemas de comportamento são mais frequentes em raparigas, enquanto que os problemas emocionais são mais frequentes em rapazes – estes resultados não corroboram a literatura. Sobre a associação entre a idade e os problemas de internalização e externalização, verificou-se que são os adolescentes mais novos que têm uma maior probabilidade de desenvolver este tipo de problemas, sendo que os estudos dizem o contrário.

O afastamento dos resultados encontrados face àqueles de estudos pré-existentes podem ser justificados por algumas limitações e constrangimentos que foram encontrados ao longo do processo de investigação. Em primeiro lugar, o número reduzido de participantes; de facto, a amostra, sendo clínica, pode não refletir a realidade de uma população normativa. Além disso, é de ressaltar que os dados recolhidos tratam-se de medidas de autorrelato e não de medidas diretas de avaliação de práticas parentais e de problemas de internalização e externalização, pelo que a percepção dos pais pode não

coincidir com avaliações objetivas das práticas parentais e dos problemas emocionais e de comportamento dos filhos adolescentes. Desta forma, salienta-se a relevância da utilização de uma abordagem metodológica diferente em investigações futuras, nomeadamente a inclusão de medidas diretas de avaliação das práticas parentais e dos problemas de internalização e externalização para complementar os autorrelatos. Sugere-se, também, ampliar o número de participantes da amostra para aprimorar a generalização dos resultados.

Ainda assim, este estudo demonstra-se importante uma vez que a literatura existente se tem concentrado predominantemente nos autorrelatos dos adolescentes, havendo uma escassez de estudos que abordem a perspetiva dos pais, especialmente no contexto português; desta forma, a presente investigação apresenta-se como um contributo para preencher essa lacuna, oferecendo uma visão complementar sobre o tema. Ademais, e verificando-se que as práticas parentais podem, realmente, ser associadas ao desenvolvimento de problemas de internalização e externalização nos adolescentes, este estudo pode ser percebido como uma oportunidade para aprofundar o conhecimento destas relações em amostras clínicas de adolescentes e como contributo para uma intervenção psicológica atempada e adequada a esta população – as conclusões encontradas podem fomentar intervenções direcionadas para a promoção de um ambiente familiar saudável, e, conseqüentemente, para a promoção da saúde mental e bem-estar dos adolescentes.

Referências Bibliográficas

- Achenbach, T. M., McConaughy, S. H., & Howell, C. T. (1987). Child/adolescent behavioral and emotional problems: Implications of cross-informant correlations for situational specificity. *Psychological Bulletin*, 101(2), 213–232. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.101.2.213>
- Aguilar-Yamuza, B., Raya-Trenas, A., Pino-Osuna, M., & Herruzo-Cabrera, J. (2019). Relación entre el estilo de crianza parental y la depresión y ansiedad en niños entre 3 y 13 años. *Revista de Psicología. Clínica Con Niños y Adolescentes*, 6(1), 36–43. <https://doi.org/10.21134/rpcna.2019.06.1.5>
- Alarcão, M. (2002). *(Des)equilíbrios familiares* (3ª ed.). Quarteto Editora.
- Ara, E. (2016). Internalizing and Externalizing Problems in Adolescents: Analysing the Gender Difference. *International Journal of Research in Social Sciences*, 6 (1), 328-337.
- Arrindell, W. A., & Van Der Ende, J. (1984). Replicability and invariance of dimensions of parental rearing behaviour: further Dutch experiences with the EMBU. *Personality and Individual Differences*, 5(6), 671-682. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(84\)90115-6](https://doi.org/10.1016/0191-8869(84)90115-6)
- Balan, R., Dobrean, A., Roman, G.D., Balazsi, R. (2017). Indirect Effects of Parenting Practices on Internalizing Problems among Adolescents: The Role of Expressive Suppression. *Journal of Child and Family Studies*, 20, 40-47. <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0532-4>
- Barber, B. K., & Harmon, E. L. (2002). Violating the self: Parental psychological control of children and adolescents. In B. K. Barber (Ed.), *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents* (pp. 15–52). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10422-002>
- Barroso, R.G., & Machado, C. (2011). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52, 211-230.
- Batool, S.S., Lewis, C.A. (2020). Does positive parenting predict pro-social behavior and friendship quality among adolescents? Emotional intelligence as a mediator. *Current Psychology*, 41, 1997-2001. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00719-y>
- Baumrind, D. (1965). Parental control and parental love. *Children*, 12, 230-234.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4(1), 1-103. <https://doi.org/10.1037/h0030372>
- Benetti, S. P., Pizetta, A., Schwartz, C. B., Hass, R. A., & Melo, V. L. (2010). Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. *Psico-USF*, 15(3), 321-332.
- Berge, J., Sundell, K., Ojehagen, A., & Hakansson, A. (2015). Research Role of parenting styles in adolescent substance use: results from a Swedish longitudinal cohort study. *BJM Open*, 1-9. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2015-008979>

- Bjorklund, D. F., Younger, J. L., & Pellegrini, A. D. (2002). The evolution of parenting and evolutionary approaches to childrearing. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Biology and ecology of parenting* (pp. 3–30). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Calders, F., Bijttebier, P., Bosmans, G., Ceulemans, E., Colpin, H., Goossens, L., . . . Leeuwen, K. V. (2020). Investigating the interplay between parenting dimensions and styles, and the association with adolescent outcomes. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 4-35. <https://doi.org/10.1007/s00787-019-01349-x>
- Canavarro, M., & Pereira, A. (2007). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspetiva dos pais: a versão portuguesa do EMBU-P. *Teoria, Investigação e Prática*, 2, 271-286.
- Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos Parentais e Relações de Vinculação. *Análise Psicológica*, 393-406. <https://doi.org/10.14417/s0870-8231201300040003>
- Cardoso P, Rodrigues C, Vilar A. (2004). Prevalência de sintomas depressivos em adolescentes portugueses. *Análise Psicológica*, 4(22), 667-675. <https://doi.org/10.14417/ap.264>
- Carr, A. (2006). *The Handbook of Child and Adolescent Clinical Psychology*. Routledge.
- Castro, J., Pablo, J., Gómez, J., Arrindell, W.A., & Toro, J. (1997). Assessing rearing behaviour from the perspective of the parents: a new form of the EMBU. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 32, 230-235. <https://doi.org/10.1007/BF00788243>
- Cerqueira, A., Gaspar, T., Cabrita, T., Santos, T., Guedes, F.B. (2020). The Relationship Between the Social Support and The Perceived Parenting Styles. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 11(2), 53-72. <https://doi.org/10.34628/vfsa-w524>
- Chambers, D., & Gracia, P. (2022). *A Sociology of Family Life: Change and Diversity in Intimate Relations*. Polity Press.
- Cline, F., Fay, J. (2020). *Parenting with Love and Logic*. NavPress.
- Costa, P. A., Tasker, F., Ramos, C., Leal, I. (2019). Psychometric properties of the parent's versions of the SDQ and the PANAS-X in a community sample of Portuguese parents. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 25(2), 520-532. <https://doi.org/10.1177/1359104519891759>
- Cruz, O. (2013). *Parentalidade*. Livpsic.
- Dahl, R.E., Allen, N.B., Suleiman, A.B. (2018). Importance of investing in adolescence from a developmental science perspective. *Springer Nature*, 554, 442-450. <https://doi.org/10.1038/nature25770>
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113 (3), 487–497. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Durišić, M. M., & Gajić, J. (2016). Social Functioning of Students with Internalizing Behavioral Problems. *Research in Psychology*, 6 (2), 32-42. <https://doi.org/10.17810/2015.33>

- Embalsado, J.V.M. (2021). Emerging Adulthood: Identity Status and Parenting Styles. *Journal of Educational, Health and Community Psychology*, 10(4), 704-731. <https://doi.org/10.12928/jehcp.v10i4.21879>
- Erikson, E.H. (1976). *Identidade, Juventude e Crise* (2ª ed.). Zahar Editores.
- Fleming, M. (1997). *Adolescência e Autonomia: O Desenvolvimento Psicológico e a Relação com os pais*. Edições Afrontamento.
- Fortin, M. (2009). Os desenhos de investigação não experimentais. In M. Fortin, *Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação*. (pp. 235-258). Autodidacta.
- Fuentes-Balderrama, J., Castillo, C.C., García, A.O., Loving, R.D., Plaza, B.T., Cardona, J.R.P. (2020). The Effects of Parenting Styles on Internalizing and Externalizing Behaviors: A Mexican Preadolescents Study. *International Journal of Psychological Research*, 13 (1), 9-18. <https://doi.org/10.21500/20112084.4478>
- Gaspar, T., & Matos, M.G. (2017). Parenting Practices: Parent's Perception of the Impact in Children Psychological Wellbeing. *SM Journal of Family Medicine*, 1-6.
- Georgiou, S. N., & Symeou, M. (2018). Internalizing/Externalizing Problems in Problems in Adolescence. Em L. Benedetto, & M. Ingrassia, *Parenting - Empirical Advances and Intervention Resources* (pp. 15-29). IntechOpen. <https://doi.org/10.5772/66985>
- Gómez-Ortiz, O., Del Rey, R., Romera, E. M., & Ortega-Ruiz, R. (2015). Maternal and paternal parenting styles in adolescence and its relationship with resilience, attachment and bullying involvement. *Annals of Psychology*, 31, 979-989. <https://doi.org/10.6018/analesps.31.3.180791>
- González, M., & Garcia, M. (2014). Influence of parenting style on the academic performance of middle school students. *Multidisciplinary Journal of Educational Research*, 4 (2), 182-210. <https://doi.org/10.4471/remie.2014.10>
- Goodman, A., Lamping, D. L., & Ploubidis, G. B. (2010). When to use broader internalising and externalising subscales instead of the hypothesised five subscales on the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ): Data from British parents, teachers and children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 38, 1179–1191. <https://doi.org/10.1007/s10802-010-9434-x>
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A Research Note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38, 581-586. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x>.
- Gorostiaga, A., Aliri, J., Balluerka, N., & Lameirinhas, J. (2019). Parenting Styles and Internalizing Symptoms in Adolescence: A Systematic Literature Review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 1-19. <https://doi.org/10.3390/ijerph16173192>
- Grusec, J.E. (2002). Parental Socialization and Children's Acquisition of Values. The evolution of parenting and evolutionary approaches to childrearing. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting: Practical Issues in Parenting* (pp. 143-168). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

- Hill, N., Witherspoon, D., & Bartz, D. (2018). Parental involvement in education during middle school: Perspectives of ethnically diverse parents, teachers, and students. *The Journal of Educational Research*, 111 (1), 12–27. <https://doi.org/10.1080/00220671.2016.1190910>
- Hou, Y., Benner, A.D., Kim, S. Y., Chen, S., Spitz, S., Shi, Y., & Beretvas, T. (2020). Discordance in parents' and adolescents' reports of parenting: A meta-analysis and qualitative review. *American Psychologist*, 75(3), 329-348. <https://doi.org/10.1037/amp0000463>
- Kapetanovic, S., & Boson, K. (2022). Discrepancies in parents' and adolescents' reports on parent-adolescent communication and associations to adolescents' psychological health. *Current Psychology*, 41, 4259-4270. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00911-0>
- Kasinath, H.M. (2013). Adolescence: Search for An Identity. *Journal on Educational Psychology*, 7(1), 1-6. <https://doi.org/10.26634/jpsy.7.1.2344>
- Lee, S.M., Daniels, M.H., Kissinger, D.B. (2006). Parental Influences on Adolescent Adjustment: Parenting Styles Versus Parenting Practices. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 14(3), 253-259. <https://doi.org/10.1177/1066480706287654>
- Li, M., Lan, R., Ma, P., Gong, H. (2023). The effect of positive parenting on adolescent life satisfaction: the mediating role of parent-adolescent attachment. *Frontiers in Psychology*, 14, 1-9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1183546>
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the Context of the Family: Parent-Child Interaction. In P. H. Mussen, & E. M. Hetherington (Eds.), *Handbook of Child Psychology: Vol. 4. Socialization, Personality, and Social Development* (pp. 1-101). Wiley.
- Marinho, S., Alves, S., Sani, A., & Caridade, S. (2018). *Os nós e os laços: Risco parental e problemas de internalização e externalização em crianças e adolescentes* [Apresentação de poster]. 4º Congresso da Ordem dos Psicólogos Portugueses, Braga, Portugal.
- Maurizi, L. K., Gershoff, E. T., & Aber, J. L. (2012). Item-level discordance in parent and adolescent reports of parenting behavior and its implications for adolescents' mental health and relationships with their parents. *Journal of Youth and Adolescence*, 41, 1035–1052. <https://doi.org/10.1007/s10964-011-9741-8>
- Mbua, A.P., & Adigeb, A.P. (2015). Parenting Styles and Adolescents' Behaviour in Central Educational Zone of Cross River State. *European Scientific Journal*, 11(20), 354-368.
- Meeus, W. (2016). Adolescent psychosocial development: A review of longitudinal models and research. *Developmental Psychology*, 52, 1969–1993. <https://doi.org/10.1037/dev0000243>
- Morris, A.S., Criss, M.M., Silk, J.S., Houlberg, B.J. (2017). The Impact of Parenting on Emotion Regulation During Childhood and Adolescence. *Child Development Perspectives*. 1-6. <https://doi.org/10.1111/cdep.12238>

- Nichols, L.M., Tanner-Smith, E.E. (2022). Discrepant Parent-Adolescent Reports of Parenting Practices: Associations with Adolescent Internalizing and Externalizing Symptoms. *Journal of Youth and Adolescence*, 51, 1153-1168. <https://doi.org/10.1007/s10964-022-01601-9>
- Nunes, S. A., Faraco, A. M., Vieira, M. L., Lisboa, C. S., & Rubin, K. H. (2015). Relação entre Práticas Parentais e Problemas de Externalização e Internalização: Papel Mediador do Vínculo do Apego. *Interação Psicológica*, 19(3), 371-383. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v19i3.32371>
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2021). *Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses*. Publicado no Diário da República, 2ª série, nº134.
- Organização Mundial da Saúde (2001). *Mental Health: New Understanding, New Hope*. Genebra.
- Organização Mundial da Saúde (2014). *Saúde para os adolescentes do mundo: uma segunda chance na segunda década*. Genebra.
- Palacios, J., & Rodrigo, M. J. (2002). *La familia como contexto de desarrollo humano*. Alianza Editorial.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O Mundo da criança* (8ª ed). McGrawHill.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *Desenvolvimento Humano* (8ª ed). Artmed.
- Parco, D. A., & Jό, P. S. (2015). Conductas Internalizantes y Externalizantes en Adolescentes. *Liberabit*, 21 (2), 253-259.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de Dados para Ciências Sociais: A Complementaridade do SPSS* (5ªed.). Edições Sílabo.
- Pratta, E.M.M., & Santos, M.A. (2007), Família e Adolescência: A Influência do Contexto Familiar no Desenvolvimento Psicológico de Seus Membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 247-256. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>
- Ragelienė, T. (2016). Links of Adolescents Identity Development and Relationship with Peers: A Systematic Literature Review. *Journal of the Canadian Academic of Child and Adolescent Psychiatry*, 25(2), 97-105. <https://doi.org/2016-25759-006>
- Rossi, L.M., Marcolino, T.Q., Speranza, M., Cid, M.F.B. (2019). Crise e Saúde Mental na Adolescência: a História sob a Ótica de Quem Vive. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(3), 1-12. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00125018>
- Ruiz-Hernández, J.A., Moral-Zafra, E., Llor-Esteban, B., Jiménez-Barbero, J.A. (2019). Influence of Parental Styles and Other Psychosocial Variables on the Development of Externalizing Behaviors in Adolescents: A Systematic Review. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 11(1), 9-21. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2018a11>
- Sameroff, A. (2010). A unified theory of development: A dialectic integration of nature and nurture. *Child Development*, 81, 6–22. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2009.01378.x>

- Schoen-Ferreira, T.H., Aznar-Farias, M., & Silvaes, E.F.M. (2010). Adolescência através dos Séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227-234. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>
- Spera, C. (2005). A Review of the Relationship Among Parenting Practices, Parenting Styles, and Adolescent School Achievement. *Educational Psychology Review*, 17(2), 125-146. <https://doi.org/10.1007/s10648-005-3950-1>
- Steinberg, L., Blatt-Eisengart, I. & Cauffman, E. (2006). Patterns of Competence and Adjustment among adolescents from Authoritative, Authoritarian, Indulgent and Neglectful Homes: a replication in a sample of serious juvenile offenders. *Journal of Research on Adolescence*, 16(1), 47-58. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2006.00119.x>
- Steinhausen, H.C. (2006). Developmental psychopathology in adolescence: findings from a Swiss study – the NAPE Lecture 2005. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 113, 6-12. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0447.2005.00706.x>
- Sudbrack, M.F.O. (2001). Terapia Familiar Sistémica. Em S.D. Seibel & A. Toscano Jr. (Orgs.), *Dependência de Drogas* (403-415). Atheneu.
- Symeou, M., Geogiou, S. (2017). Externalizing and Internalizing Behaviours in Adolescence, and the Importance of Parental Behavioural and Psychological Control Practices. *Journal of Adolescence*, 60, 104-113. <http://dx.doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.07.007>
- Van der Sluis, C. M., van Steensel, F. J. A., & Bögels, S. M. (2015). Parenting and children's internalizing symptoms: how important are parents?. *Journal of Child and Family Studies*, 24(12), 3652–3661. <https://doi.org/10.1007/s10826-015-0174-y>
- Vale-Dias, M. L., & Berardo, C. S. (2019). Percepção de Atitudes Parentais e Problemas de Comportamento nos Adolescentes. *INFAD Revista de Psicología*, 135-144. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2019.n2.v2.1749>
- Woolfolk, A., & Perry, N.E. (2014). *Child and Adolescent Development*. Pearson.

ANEXOS